CLENIA DE JESUS PEREIRA DOS SANTOS

IDENTIDADE NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR:

Um Estudo na Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro

Caderno de Orientações Didáticas

Caderno de Orientações Didáticas

Ficha Técnica

Organização

Clenia de Jesus Pereira dos Santos

Antônio de Assis Cruz Nunes

Redação

Clenia de Jesus Pereira dos Santos

Ilustração

Silmara Cristina Ferreira Mota

Revisora

Maria Cícera Nogueira

Capa

Jacymara Rocha

Sumário

Para Início de Conversa... 5
1 De professor(a) para professor(a) ... 7
2 Olhar com os Olhos de "Apreenderensinaraprender" História e Cultura Africana e Afro-Brasileira ... 13
2.1 Ações que podem ser desenvolvidas pelos/as professores/as para implementar a Lei nº. 10.639/03, na perspectiva da identidade negra ... 13
3 Conhecendo o projeto... ... 19
3.1 Sobre os cadernos do Projeto A Cor da Cultura ... 20
4 A sequência didática como estratégia de ensino ... 25
5 Atividades sequenciadas ... 29
5.1 Sequência 1: Superando atitudes preconceituosas sobre a África ... 29
5.2 Sequência didática 2: Semana da Consciência Negra: Zumbi somos nós37
5.3 Sequência didática 3: O lugar do Graffiti como possibilidade de ver a si e o mundo ... 43
5.4 Sequência didática 4: Negras e Negros que contribuíram com a Arte, História e Literatura ... 51
5.5 Sequência didática 5: Contribuições vocabulares africanas para a formação do povo brasileiro ... 59
5.6 Sequência didática 6: A beleza negra como possibilidade de afirmação identitária ... 70
6 Conclusão ... 77
Referências ... 81
Anexos ... 85

Para início de conversa...

Nada é impossível de mudar. Desconfiai do mais trivial, na aparência singela. E examinai, sobretudo, o que parece habitual. Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertolt Brecht

Prezada Professora, Prezado Professor,

Estamos apresentando o Caderno de Orientações Didáticas para desenvolver os conteúdos inerentes à História e à Cultura Afro-Brasileira em suas aulas. Ele se destina, sobretudo a você que se interroga sobre como incluir em seu componente curricular informações que não compuseram a matriz da sua formação inicial e que ainda são tímidas nas formações continuadas. Principalmente neste aspecto, este Caderno poderá contribuir significativamente com o seu trabalho. O importante é que alunos e alunas negras e negros estão na escola, nas salas de aula, e não podemos mais adiar esse compromisso com a formação indentitária desses estudantes. Não somente para descendentes da mãe África, mas, inclusive, para os (as) não negros (as) que precisam compreender que o conhecimento construído, que os faz pensar que são superiores, precisa ser descontruído. E o espaço de sala de aula é um local privilegiado para este objetivo.

A decisão de utilizar o Projeto A Cor da Cultura se deu em virtude de que ele agrega temas fundamentais a serem desenvolvidos na escola, em diferentes gêneros, por meio de diferentes portadores de textos, além da tecnologia que compõe o *Kit*. Mais ainda, pelo fato de ser um material produzido com o objetivo de contribuir com a Lei número 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão da História e da Cultura Africana e Afro-Brasileira no Currículo (BRASIL, 2003).

Os conceitos científicos aqui desenvolvidos, que objetivam contribuir para a abertura de outras janelas que possam ajudar a pensar conteúdos e metodologias, servem também de suporte para ampliação dos temas.

Agradeço-lhe a disposição para ler este Caderno e desejo que ele suscite dúvidas e possibilite um diálogo com outras fontes, outras vozes. Estou disponível para dirimir dúvidas, para aprender e para partilhar as descobertas da pesquisa e da boniteza que vivemos no experimento das atividades.

1 De professor(a) para professor(a)

A educação e identidade negra participam de processos particularmente imbricados. E, quando pensamos a sua realização dentro do ambiente escolar, muito desse fascínio e dessa complexidade se perde, por estarmos aprisionados por um olhar escolar, que de pedagógico e de condutor, no sentido etimológico da palavra, resguarda muito pouco ou quase nada. Para romper com essa prática, em relação às questões étnico-raciais na escola, é preciso assumir o compromisso pedagógico e social de superar o racismo, entendendo-o à luz da realidade social e racial do nosso país (GOMES, 2002a).

A escola precisa cumprir o que preceitua a Lei nº 10.639/2003, incluindo no currículo escolar conteúdos que valorizem o povo negro na perspectiva de que o(a) estudante possa sentir-se representado(a) no que diz respeito à sua história, memória e ancestralidade. A autora advoga que o fenotípico, inerente aos(às) descendentes de africanos, como a cor da pele, textura do cabelo, formato do nariz, entre outros, precisa ser valorizado e reconhecido como diferente, não como inferior. No campo da identidade negra, Gomes privilegia o corpo e cabelo como objeto de suas investigações e destaca que os primeiros anos escolares da criança negra são de sofrimento com o tratamento que recebem em casa no trato com seus cabelos. Alega que a configuração, cabelo arrumado, exigido pela escola, na maioria das vezes trançados, refletem experiências negativas nas suas memórias de infância.

Nessa perspectiva, a educação deve ser um dos instrumentos de ruptura com o processo de coisificação do negro e pode desenvolver uma

pedagogia corporal que destaque a riqueza da cultura negra inscrita no corpo, nas técnicas corporais, nos estilos de penteados e nas vestimentas, as quais também são transmitidas oralmente. Este aprendizado poderá perpassar a fase da infância e da adolescência. O corpo negro deve ser tomado como símbolo de beleza e não de inferioridade. Ele pode ser visto como o corpo guerreiro, belo, atuante, presente na história do negro da diáspora, e não como o corpo do escravo, servil, doente e acorrentado como lamentavelmente nos é apresentado em muitos manuais didáticos do ensino fundamental (GOMES, 2002b, p. 81).

Como professores e professoras, temos que pensar nessas questões. Desse modo, a organização destas Orientações Didáticas, consolidadas em um Caderno de Orientações, tem início ainda na fase de qualificação da nossa dissertação, cujo título é Identidade Negra no Contexto Escolar: um estudo na Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro. O pensamento fundante sobre a problemática do negro no ambiente da escola, ocasionado, por vezes, em virtude da invisibilidade, nos mobilizou a fazer a pesquisa em tela e a organizar este Caderno. Os conteúdos que integram as sequências didáticas (adotadas como metodologia) foram organizados a partir do diagnóstico realizado na escola, especificamente na turma única de oitavo ano, em 2017, com quem tive o privilégio de experimentar movimentos de ação, reflexão-ação, além de experimentar mudanças mediante as intervenções realizadas naquele ambiente.

As observações participantes, as conversas informais, as escutas das conversas dos professores, as participações nas reuniões da escola e o contato com os alunos foram fundamentais para contribuir com as adequações das ações. Embora as questões norteadoras da pesquisa permanecessem na qualidade de questões de partida, não podemos desconsiderar as implicações do contexto da escola nas mudanças de rota

que a pesquisa, por se definir como qualitativa, nos permitiu experimentar e influir no texto final.

A não inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira na escola, nas aulas, nos documentos da escola, nas respostas emitidas pelos sujeitos, podemos afirmar, foram basilares para as definições dos conteúdos que integraram as sequências didáticas para aplicabilidade destas Orientações. Isso ocorreu porque a forma como a rotina escolar se desenvolve ainda é baseada em estratégias e conteúdos que não fazem muita correspondência com o processo de construção da identidade étnico-racial dos alunos, talvez por falta de atualização nos conteúdos curriculares, ou, talvez, por falta de formações continuadas que pudessem refletir uma abordagem baseada nos pressupostos da realidade pluriétnica e multicultural presente na escola.

Há uma necessidade premente de se aprenderem no espaço escolar conteúdos sobre a história, a memória e ancestralidade dos povos africanos como instrumentos que contribuirão para a autodefinição dos(as) alunos(as) como negras e negros, de modo a estabelecer um correspondente com o seu cotidiano. Isso, por vezes, é permeado de um legado dos descendentes da África, mas é invisibilizado pela família e pela escola porque, de forma intencional, não há interesse que a História e a Cultura e Afro-Brasileira seja compreendida com o mesmo valor que a cultura europeia se consolidou no País.

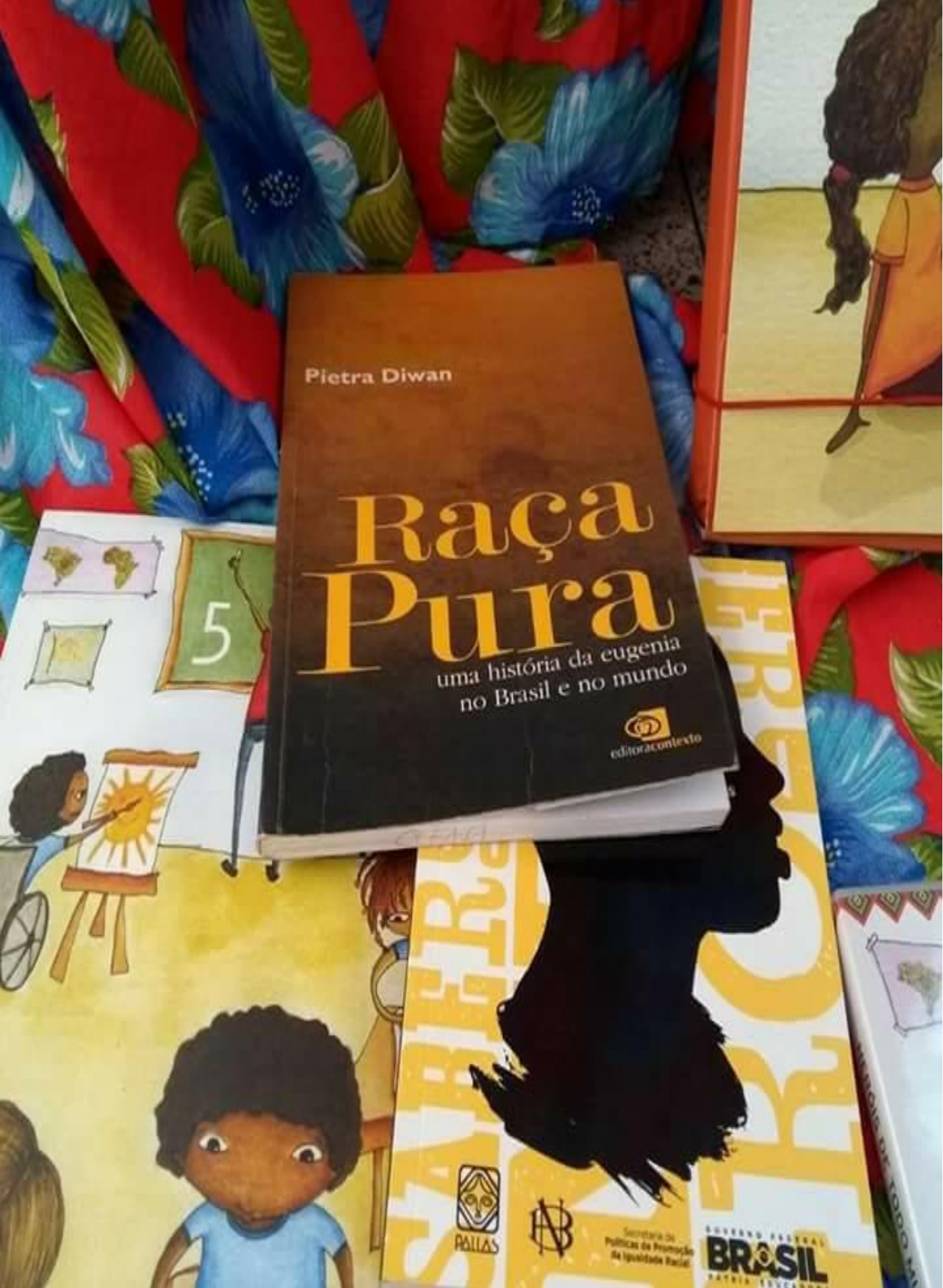
Nessas circunstâncias, estas Orientações Didáticas contribuirão para a melhoria da dimensão humana de todos(as) os(as) alunos(as), especialmente daqueles e daquelas que tiveram sua história e cultura subalternizadas, negadas e invisibilizadas pela escola. É necessário, portanto, reconhecer que o esse legado da História e da Cultura Afro-Brasileira é um patrimônio da humanidade (BRASIL, 2006).

Buscando contribuir na concretização do ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na escola e considerando que, apesar dos

avanços, a população negra obteve nas últimas décadas com a garantia do acesso à escola, mas, paralelamente, o debate sobre a permanência da população negra na instituição escolar e com o direito de conhecer a partir desse contexto formal a sua História e a sua Cultura tem sido um grande desafio a ser vencido.

Você verá que o Caderno encontra-se estruturado do seguinte modo:

- Introdução, na qual apresentamos de forma resumida o tema, os objetivos, o interesse pelo tema, as questões norteadoras para desenvolvimento deste trabalho;
- As séries e episódios selecionados para compor este Caderno, considerando o objeto da nossa pesquisa;
- Apresentação das sequências contendo o resumo de cada série, seguidas de alguns exemplos de experiências;
- Por fim, a conclusão. Nesta fazemos a síntese dos nossos desafios em experimentar a aplicabilidade das sequências, retomamos os conteúdos desenvolvidos, o que representou a experiência e o que esperamos com a elaboração do Caderno.


Pietra Diwan
Raça Pura
uma história da eugenia no Brasil e no mundo
editoracontexto
5
PALLAS
BRASIL

2 Olhar com os Olhos de "Apreenderensinaraprender" História e Cultura Africana e Afro-Brasileira

2.1 Ações que podem ser desenvolvidas pelos/as professores/as para implementar a Lei nº. 10.639/03, na perspectiva da identidade negra

Em conformidade com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais, destacamos alguns pontos indispensáveis que poderão integrar as reflexões e práticas no cotidiano escolar, no sentido de tramar pedagogicamente a diversidade racial, visualizando com dignidade o povo negro, quais sejam:

Tabela 1: Trato pedagógico da questão racial no contexto escolar

Incluir a questão racial como conteúdo interdisciplinar.	Os assuntos não podem ser reduzidos em conteúdos esporádicos ou em unidades isoladas. A questão racial poderá ser tratada em todas as propostas de trabalho e unidade de estudo ao longo do ano letivo.
Reconhecer e valorizar as contribuições do povo negro.	Ao estudar a cultura afro-brasileira, recomenda-nos enfatizar suas contribuições sociais, econômicas, culturais políticas, intelectuais, experiências, estratégias e valores. Evitar bailar a cultura negra associada apenas à alimentação, vestimentas e rituais festivos. É necessário contextualizá-lo.
Abordar as situações de diversidade étnico-racial de diversidade.	Tratar as questões raciais na contextualização das situações com vistas a promover a apreensão de conceitos, análise de fatos e instrumentalizá-las para intervir na realidade para transformá-la.
Combater as posturas etnocêntricas para a desconstrução de estereótipos e preconceitos atribuídos ao grupo negro.	Por meio dos conceitos, o saber científico aliado ao pedagógico pode fomentar a problematização das práticas sociais para o desenvolvimento de um

	olhar crítico diante da realidade apontando para a contribuição dos povos africanos na construção da sociedade.
Incorporar como conteúdo do currículo escolar a história e cultura do povo negro.	Fazer constar como conteúdos escolares a história de opressão e marginalização dos povos africanos, para que os estudantes possam compreender os porquês das condições de vida dessas populações e a correlação entre estas e o racismo. As situações de desigualdades deverão ser ponto de reflexão para alunos(as) negros(as) e não negros(as), com vistas ao estabelecimento de relações mais humanas, fraternas e solidárias.
Recusar o uso de material pedagógico contendo imagens estereotipadas do negro, como postura pedagógica voltada à construção de atitudes preconceituosas e discriminatórias.	A escola deverá pautar a sua prática escolar no reconhecimento, na aceitação e no respeito à diversidade racial articulada a estratégias que fortaleçam a autoestima e o orgulho ao pertencimento racial, pertencimento racial de seus alunos e alunas. É preciso banir do ambiente escolar texto, referência, desenho e decorações que fortaleçam a imagem estereotipada de negros e negras ou qualquer outro segmento étnico-racial diferenciado. Cabe à escola promover a reflexão de seus educadores, e educadoras, instrumentalizando-os no sentido de fazer uma leitura crítica do material didático e construir coletivamente alternativas pedagógicas com suporte de recursos didáticos adequados.

Fonte: Adaptado de Brasil (2006, p. 69-72).

Saiba Mais

Acesse o livro "Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais", disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/orientacoes_etnicoraciais.pdf

Desde 2003, quando a Lei nº 10.639/03 foi sancionada, os professores (as) se veem diante de um dilema: Como e quais recursos utilizar para desenvolver os conteúdos de História e Cultura Afro-brasileira e Africana em sala de aula? A resposta é complexa. Temos, porém, alguns pontos de reflexão e de pistas para essa questão: A formação inicial, os currículos adotados nas universidades brasileiras alicerçam um nítido favorecimento de uma matriz educacional europeia, que reforça sua supremacia cultural, social, econômica e política, todavia, a formação continuada não garante a superação dessa lacuna.

O educador que não for qualificado para trabalhar com diversidade tende a desenvolver um currículo homogêneo e padronizar o comportamento de alunas e alunos. Tende a adotar uma postura eurocêntrica e "reproduz a marginalização racial e social presente na sociedade" (ROMÃO, 2000, p. 164).

Contudo, a escola é um espaço social privilegiado para reeducar os indivíduos a estabelecerem relações étnico-raciais saudáveis entre negros e brancos (BRASIL, 2004). Desse modo, nós, professores(as), não podemos adentrar os espaços de sala de aula sem um aprofundamento científico sobre a temática, utilizando-nos de informações equivocadas. É responsabilidade da escola "fazer com que a História seja contada a mais vozes, para que o futuro seja escrito a mais mãos". É necessário romper o silêncio a que foram relegados(as) negros, negras e indígenas na historiografia brasileira, com vista a subsidiar a construção de uma imagem positiva de si[1] (SANTOS, 2001, p. 107).

Diante disso, Silva (2005) orienta os professores a trabalharem, em sala de aula, as Africanidades Brasileiras[2] com os alunos, pois segundo as

---

[1] Coletânea de textos disponível no livro Racismo e antirracismo na educação: repensando a escola. Organizado por Eliane Cavaleiro. 2ª edição. 2001.

[2] A expressão **africanidades** refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Dizendo de outra forma, queremos nos reportar ao modo de ser, de viver, de organizar suas lutas,

suas orientações, são as raízes da cultura brasileira que têm origem africana e que se referem aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, ou seja, são as marcas da cultura africana que fazem parte do dia a dia de todos. Assim, em âmbito escolar e acadêmico, as Africanidades Brasileiras constituem-se em campo de estudos, podendo ser organizadas como disciplina curricular, programa de estudos abrangendo diferentes disciplinas, e área de investigações. Nesse sentido, Silva infere que:

> [...] as Africanidades Brasileiras abrangem diferentes áreas, não precisam, em termos de programas de ensino, constituir-se numa única disciplina, pois podem estar presentes, em conteúdos e metodologias, nas diferentes disciplinas constitutivas do currículo escolar (SILVA, 2005. p.38).

Logo, estudar as Africanidades Brasileiras significa conhecer e compreender os trabalhos e a criatividade dos africanos e de seus descendentes, no Brasil, e situar tais produções na construção da nação brasileira. Sendo assim, a autora traz sugestões metodológicas de como trabalhar as Africanidades Brasileiras nas diferentes disciplinas do currículo escolar.

DISCIPLINA	Sugestões metodológicas por Petronilha Silva (2005) – Adaptado
Matemática	Ao trabalhar geometria, volume e outras medidas, o professor poderá, ilustrando com imagens, trabalhar as Africanidades Brasileiras chamando a atenção dos(as) alunos(as) para o fato de que estes eram conhecimentos do domínio dos antigos egípcios, o que permitiu-lhes construir obras monumentais como as pirâmides [...]. (p.161).
Língua Portuguesa e Literatura	Nestas disciplinas, os estudantes poderão comparar a visão de escritores negros com a de outras etnias sobre as questões que afligem a população negra, ou que constituem razão de alegrias ou tristezas para pessoas de qualquer

próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, às marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia-a-dia (SILVA, 2005).

	etnia. Poderão comparar obras de afro-brasileiros com a de africanos [...] (p.164).
Ciências	Ao estudar o meio ambiente, do ponto de vista das Africanidades Brasileiras, o professor pode abordar a questão dos territórios ocupados por população remanescente de quilombos ou herdeira de antigos fazendeiros e conhecer as formas de cultivo e de utilização de recursos naturais que empregavam, sem ferir o equilíbrio do meio ambiente (p.162).
Educação Física	Em relação à educação do corpo, as Africanidades Brasileiras podem ser trabalhadas, incluindo a dança em seu currículo, como as danças de raízes africanas e, na área de jogos, a inclusão da capoeira (p.162).
Música	As Africanidades Brasileiras nessa área podem ser trabalhadas, levando-se em consideração o som e ritmo tirados de instrumentos, como: caixa de fósforos, pandeiro, agogô, chocalho, atabaque, berimbau, etc., e também pode, com o auxílio de quem sabe, fazê-los com os alunos. Os alunos devem saber do que são feitos e como são feitos os instrumentos utilizados.
Artes	Com argila e papel-machê, os alunos podem aprender sobre e criar máscaras de inspiração africana; comparar os trabalhos africanos com o de pintores europeus, identificando a influência daqueles sobre estas. Em atividades com pintura, os alunos conhecerão a origem, significados e técnicas do batuque.
Geografia	Para o ensino dos espaços físicos e dos espaços humanos, os professores devem ter como referência, por exemplo, os trabalhos de Milton Santos, *O Espaço do Cidadão* (1990) e *A Natureza do Espaço* (1996), pois este autor estuda a Geografia do ponto de vista dos empobrecidos e marginalizados, evidenciando que, no caso do Brasil, a maioria dos descendentes de africanos se encontra entre eles.
História	As aulas de história do Brasil devem ser entendidas pelos(as) alunos(as) como construção de uma nação, e

	nesta a inclusão de todos os povos que a constituem. O professor que trabalha as Africanidades Brasileiras não deverá omitir a verdadeira história, nem esconder os verdadeiros heróis, sejam eles negros ou não, admitindo sua inteira participação nas conquistas e na formação da sociedade. Assim, uma atividade bem significativa e que leva em consideração todos esses requisitos é a Comunicação e Expressão, que deve ser trabalhada em consonância com a disciplina Língua Portuguesa. Essa atividade poderá envolver pessoas da comunidade escolar que poderão contar histórias dos seus antepassados, reconhecendo os heróis e as lutas dos negros; as histórias colhidas pelos alunos podem ser transformadas em textos que poderão ser reunidos num livrinho e, dessa forma, serem divulgadas na escola e também na comunidade.

Tabela 2: Sugestões metodológicas.
Fonte: Adaptado de Silva (2005, p. 157-161).

Saiba Mais

Acessar o livro Superando racismo na escola, obra organizada pelo antropólogo Kanbengele Munanga. Nele você vai encontrar vários artigos que contribuirão com a sua prática de sala de aula. Petronilha Beatriz Gonçalves Silva escreve sobre "Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras". Disponível em http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf

3 Conhecendo o projeto...

Parte de nossas propostas de atividades orientam-se pelo uso de instrumentos didáticos que compõem o Kit A Cor da Cultura, do Ministério da Educação. Portanto, é importante que você, professor(a), conheça um pouco mais sobre o Projeto A Cor da Cultura, para entender com base em que pressupostos e princípios pedagógicos as orientações metodológicas presentes neste Caderno se organizam.

O projeto **A Cor da Cultura**, implantado em 2004, já está em sua 3ª edição e veio valorizar a cultura afro-brasileira e dar subsídios para os professores trabalharem o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nas salas de aula das escolas brasileiras, contribuindo, assim, para a implementação da Lei nº. 10.639/2003. Desse modo, o projeto A Cor da Cultura visa implementar ações culturais e educativas, de forma a contribuir para a valorização e preservação das culturas afro-brasileiras e a presença africana na nossa História.

Esse Projeto é composto por diversos materiais pedagógicos e interativos, como DVDs contendo programas especiais sobre as temáticas ligadas ao campo das relações étnico-raciais; material impresso; CD musical

e jogo pedagógico, os quais instigam o professor a refletir, a sentir e a agir no momento do planejamento e do processo de aprendizagem dos alunos.

3.1 Sobre os cadernos do Projeto A Cor da Cultura

Os cadernos que compõem o kit A Cor da Cultura, além de textos com um vasto acervo de conhecimentos sobre a História e a Cultura dos(as) negros(as) ainda trazem metodologias e atividades com saberes e fazeres para os(as) professores(as) colocarem em prática a Lei nº. 10.639/03 e reeducar alunos(as) a estabelecerem relações saudáveis e respeitosas entre si. Assim sendo, o Kit A Cor da Cultura, compreende três cadernos intitulados: 1 Modos de Ver; 2 Modos de Agir e 3 Modos de Interagir.

Figura 1: Cadernos do Kit A Cor da Cultura

O primeiro Caderno, *Modos de Ver*, traz textos que nos remetem a refletir sobre a diversidade étnico-racial, bem como as desigualdades sociais e raciais existentes no Brasil; nos leva a conhecer a verdadeira África, suas heranças que estão por toda parte do nosso país, e reconhecer os heróis anônimos que participaram ativamente da construção do povo brasileiro, fazendo-nos rever nossos conceitos e o nosso papel, enquanto professores(as) educadores(as), o de nossos(as) alunos(as). Sendo assim, esse Caderno explica o porquê e para que trabalhar com a questão da valorização e preservação da História e da Cultura Afro-brasileira.

Além disso, o Caderno traz orientações metodológicas a serem trabalhadas em toda a educação básica. Todavia, descrevemos apenas as sugestões voltadas para os anos finais do Ensino Fundamental, uma vez que foi esse segmento o analisado durante a pesquisa que culminou neste Caderno de Orientações. Segundo Lima (2006, p. 47), os professores que trabalham do 6º ao 9º ano podem

> Introduzir temas da cultura africana e afro-brasileira também através de lendas, contos, cantigas, brincadeiras, mas já inserindo mais aspectos de conteúdo histórico. Existem bons livros de literatura infantil para tomar como referência. E, nas aulas de Integração Social, falar da presença dos africanos na História do Brasil para além da reação à escravidão: levá-los a ver marcas dessa presença viva nas músicas, nas festas, no vocabulário, nos hábitos alimentares. Os africanos, além de mão-de-obra, eram seres que produziam cultura – mas não basta dizer, isso tem de ser algo vivido para começar a abalar as velhas estruturas dos preconceitos, as quais se alimentam da ignorância. Vamos festejar as Áfricas que habitam em nós!

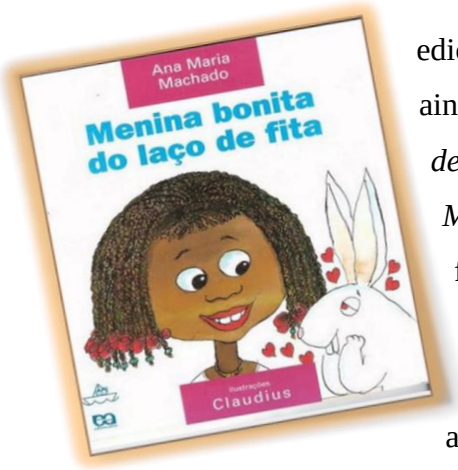
O segundo Caderno, *Modos de Sentir*, por sua vez, trata dos fundamentos metodológicos e os dos princípios que devem nortear uma nova prática pedagógica em sala de aula e fora dela, para com isso mudar atitudes e ações preconceituosas em todos os ambientes da sociedade. Esse Caderno também traz atitudes/princípios que são desejados para se desenvolver, incentivar e nortear os trabalhos da prática dos(as) professores(as). Também, traz revisão de conceitos para uma melhor compreensão da história do significado das palavras, com o intuito de tomarmos alguns cuidados necessários e, consequentemente, desenvolvermos um olhar mais complexo e questionador diante da História e Cultura dos(as) negros(as).

O segundo Caderno ainda apresenta sugestões de atividades que apontam para o(a) professor(a) uma estrutura de trabalho que lhe permite desenvolver os princípios básicos da Educação. Dessa forma, traz amplas sugestões para o(a) professor (a) se organizar e planejar meios de utilizar esse rico material em diferentes tipos de atividades em sala de aula no dia a dia.

Já o terceiro Caderno, *Modos de interagir*, constitui-se de riquíssimas propostas de atividades pedagógicas numa perspectiva crítica, criativa e cuidadosa, que jamais serão uma receita, uma camisa de força, um modelo prescritivo a ser obedecido; são apenas propostas, convites, sugestões, indicações, etc., pois cada professor(a) na ação pesquisadora da sua prática, pode ressignificar, implementar, enriquecer e ampliar esse cotidiano com seu próprio repertório ou com o que ele/ela for capaz de articular (BRANDÃO, 2006a).

Esse Caderno, além das diversas atividades, ainda traz sugestões de como fazer uso de materiais do Kit A Cor da Cultura, como CD musical, jogos pedagógicos e livros animados, como o da Menina bonita do laço de fita, escrito por Ana Maria Machado, que coloca em questão diversos aspectos relacionados à questão étnico-racial e vem corrigir atitudes, posturas e valores, além de educar cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial.

Figura 2: "A Cor da Cultura 3ª edição"



O Projeto A Cor da Cultura 3ª edição, além dos três Cadernos citados, ainda conta com um quarto Caderno, *Modos de Fazer*, e com um quinto Caderno, *Modos de Brincar*, ambos com atividades, fazeres e saberes pedagógicos e metodológicos.

Desse modo, as ações e atividades contidas nos Cadernos podem ser desenvolvidas pelos (as) professores (as) em sala de aula para implementar a Lei nº. 10.639/03. Contudo, reiteramos: não existem receitas

prontas, não existe um como fazer, apenas orientações que deverão nortear os trabalhos dos(as) professores(as) e embasar novos procedimentos a serem elaborados. E, antes de mais nada, é fundamental que os docentes tenham formação e instrumentalizem-se para trabalhar os temas/conteúdos exigidos pela Lei nº 10.639/2003 (LIMA, 2006).

4 A sequência didática como estratégia de ensino

Para desenvolvimento das atividades, elegemos como procedimento metodológico a sequência didática, fundamentada no aporte teórico de Zabala (2007). Para esse autor, sequência didática é uma maneira de encadear e articular as diferentes atividades ao longo de uma unidade didática.

Zabala (2007, p.20-21) descreve sete itens indispensáveis para a elaboração de uma sequência, quais sejam:

i. As sequências de atividades de ensino/aprendizagem podem indicar a função que tem cada uma das atividades na construção do conhecimento ou da aprendizagem de diferentes conteúdos e, portanto, avaliar a pertinência ou não de cada uma delas, a falta de outra ênfase que devemos lhes atribuir.

ii. Papel dos professores e dos alunos- Diz respeito às relações que se estabelecem e que se produzem na aula entre professores(as) e alunos(as) e entre alunos(as) e afetam o grau de comunicação e os vínculos afetivos que se estabelecem e que dão lugar ao clima de convivência e fazem com que a construção do conhecimento e as propostas didáticas estejam de acordo ou não com as necessidades de aprendizagem.

iii. A forma de estruturar os diferentes alunos(as) e a dinâmica grupal- Está relacionada com a forma de organização social

da aula em que meninos e meninas trabalham e se organizam, convivem, se relacionam e contribuem de uma forma determinada para o trabalho coletivo e pessoal.

iv. A maneira de organizar os conteúdos- Formas organizativas e integradoras.

v. A existência, as características e o uso dos materiais curriculares e outros recursos didáticos- O papel e a importância que adquirem nas diferentes formas de intervenção os diversos instrumentos para a comunicação da informação, para a ajuda nas exposições, para propor atividades, para a experimentação, para a elaboração e construção do conhecimento ou para o exercício e a aplicação.

vi. E, finalmente, o sentido e o papel da avaliação, entendida tanto no sentido mais restrito de controle dos resultados de aprendizagem conseguidos, peça chave para determinar as características de qualquer metodologia, quanto na maneira de avaliar os trabalhos o tipo de desafios e ajudas que se propõem, as manifestações das expectativas depositadas os comentários ao longo do processo, as avaliações informais sobre o trabalho que se realiza, a maneira de dispor ou distribuir os grupos. Todos, estritamente ligados à concepção que se tem da avaliação e que têm, embora muitas vezes de maneira implícita, uma forte carga educativa que a converte numa das variáveis metodológicas mais determinadas.

Ainda como aporte teórico, recorremos aos fundamentos de Doz, Noverraz e Schneuwly (2011, p. 83). Para os autores, sequência didática é aqui compreendida “como o conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral e escrito”.

Portanto, esta metodologia tem por finalidade ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, o que lhe permite escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação.

As sequências didáticas permitem ainda a interdisciplinaridade dos conteúdos, oportunizam aos(às) alunos(as) sejam protagonistas na construção do conhecimento e favorecem o uso do tempo e a sequenciação na construção do conhecimento, sem que este ato seja necessariamente uma camisa de força, mas uma metodologia que possibilita desenvolver os conteúdos, de modo que os alunos possam aprender e compreender a sua identidade, o mundo e seu lugar no mundo.

Neste sentido, há uma amplitude de gêneros que a escola poderá utilizar para desenvolver os conteúdos relacionados à História e à Cultura Afro-Brasileira e Africana. O Projeto A Cor da Cultura, por exemplo, eleito para compor a aplicabilidade destas Orientações, contém vários gêneros textuais que poderão, de forma significativa, aprofundar os conteúdos supracitados.

Utilizamos como estrutura de base para elaboração das sequências didáticas o esquema apresentado por Dolz, Noverraz, Schnewly (2011). De acordo com esse esquema o ensino acontece inicialmente pela apresentação de uma situação referente ao conteúdo abordado. Em seguida, realizamos uma sondagem em relação às concepções prévias dos(as) alunos(as) sobre o assunto, denominada aqui de produção inicial. As intervenções realizadas são denominadas de módulos, e, por fim, realizamos produção final, que busca demonstrar a evolução na aprendizagem do(a) aluno(a) em relação ao conteúdo proposto.

5 Atividades sequenciadas

As atividades sequenciadas foram planejadas à luz do referencial teórico constante no texto introdutório das orientações didáticas do Caderno e ancoradas nos dados coletados no período de dois meses no campo da pesquisa. Após tabulação e análise dos dados, diante dos objetivos da pesquisa, selecionamos as séries do projeto A Cor da Cultura que se adequavam para subsidiar as intervenções.

5.1 Sequência 1: Superando atitudes preconceituosas sobre a África

Chega, chega ê,ê,ê, ê,ô do negro
dizer que sofreu e que chorou.
Bloco afro-carioca Agbara Dudu

ESCOLA: Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro

ANO: 8º **TURNO**: Vespertino **ANO LETIVO**: 2017

ÁREA DE CONHECIMENTO: História e Geografia

DURAÇÃO: 4 aulas- 45min

RECURSO DIDÁTICO: DVD- Nota 10, EPISÓDIO nº 1

1 Introdução

A série Nota 10 tem como objetivo principal a valorização da História e da Cultura Afro-brasileira e Africana. É

composta de cinco episódios que propõem inspirar professores e professoras a desenvolver conteúdos sobre a História e a Cultura Afro-Brasileira e Africana. Cada episódio se inicia com reflexões que estimulam os(as) participantes a pensar sobre o que sabem sobre a memória dos povos africanos. Priorizamos, nesta sequência, o episódio de número 1 (um), em que o apresentador faz entrevistas com pessoas de diferentes lugares sobre o que sabem ou pensam sobre a África. As respostas das pessoas mostram os limites do senso comum e a presença de preconceitos e visões distorcidas entre os mais diversos habitantes de cidades brasileiras[3].

Esta atividade contribui para que professores e professoras percebam as armadilhas da própria formação profissional, familiar e social. O conteúdo a ser desenvolvido é sobre as **impressões sobre a África**. Assim, é fundamental iniciar com uma roda de diálogo e orientar os alunos que registrem o que pensam. É importante facultar o gênero textual, pois os textos imagéticos também expressam de forma precisa o conhecimento adquirido pelos alunos ao longo de sua formação. Após o registro, é importante socializar com os pares o que registaram. O professor deverá fazer leitura de todos os textos para observar as palavras que foram mais utilizadas, pois estas servirão de referências para seleção dos recursos bibliográficos ou digitais que servirão de fundamentos para a instrumentalização.

2 Objetivos:

- Conhecer as influências do continente africano no processo de

[3] Disponível em: <http://antigo.acordacultura.org.br/nota10/>. Acessado em 12 fev. 2018.

formação da cultura afro-brasileira.

- Refletir sobre o conceito de diáspora africana e seus efeitos no processo de constituição da identidade cultural dos povos africanos que foram espalhados.
- Identificar as condições a que eram submetidos os negros e negras ao chegarem no Brasil.
- Valorizar a história, a memória e a cultura negra na formação da cultura brasileira.
- Identificar, no mapa político do mundo, a localização do continente africano e seus países.
- Escolher um país da África para estudar as suas características econômicas, sociais e culturais.

3 Áreas de Conhecimento/Conteúdo

Geografia

- Localização do Continente Africano.
- Principais Ilhas
- Riquezas da África

História

- O que sabem sobre a África
- África como berço da humanidade
- Diáspora Africana
- Chegada dos negros e negras no Brasil

Língua Portuguesa

- Leitura e compreensão de texto informativo
- Vocabulário

4 Sequência de Atividades

Atividade Sequenciada 1

- Organização da sala de aula em círculo, com vistas a possibilitar a roda de diálogo, o olhar no olho do outro, por parte dos(as) alunos(as) e dos(as) professores(as), oportunizando a materialização de uma relação mais horizontal entre os pares;
- Levantamento dos conhecimentos prévios dos(as) alunos(as) acerca do que sabem sobre a África, distribuindo folhas de papel em branco aos alunos e alunas para registro de suas impressões sobre a África por meio de frases, lista de palavras ou texto imagético;
- Socialização dos registros com a turma, de modo que justifiquem suas escolhas;
- Organização de um painel com as produções para posterior resgate;
- Sistematização do conhecimento pelo (a) professor (a), por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 2

- Apresentação à turma do Projeto A Cor da Cultura como material didático e pedagógico e veículo de informações sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;
- Informação à turma de que irão assistir ao vídeo (DVD 4Nota 10, episódio1) para conhecer assuntos sobre a África, em uma

[4] Nota 10 traz reportagens sobre experiências educacionais bem-sucedidas no país. Com formato de road movie, a série acompanha as viagens de Alexandre Henderson, que mostra as inovações das práticas em sala de aula. A nova série integra o projeto A Cor da Cultura, cujo objetivo principal é a

perspectiva positiva, com destaque para as potencialidades desse continente, tendo como parâmetro os seguintes questionamentos: A África é sinônimo de desenvolvimento ou atraso? Riqueza ou pobreza? O que você sabe sobre a história e memoria dos povos africanos?

- Socialização dos conhecimentos obtidos por meio do vídeo, apontando os aspectos positivos da África no que se refere à cultura, à linguagem, à distribuição física do continente africano, às contribuições da África como berço das civilizações, entre outros aspectos;
- Comparação das informações registradas com as informações assistidas no vídeo;
- Questionamento à turma sobre: O que confirmou? O que modificou? O que ampliou?
- Seleção nos registros elaborados na aula anterior, das informações que identificam o povo africano de forma positiva;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor (a), por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 3

- Organização da sala em equipe de três participantes para ler o texto África de todos nós (ANEXO A);
- Partilha de informações extraídas do texto, sobre o lugar de origem e como viviam os africanos antes de serem descobertos pelos colonizadores; que áreas do conhecimento esses povos dominavam;
- Listagem das áreas do conhecimento que se originaram nesse continente comparando-as com as profissões que existem hoje na

valorização da cultura negra. Assim, os episódios buscam inspirar educadores a colocar em prática a Lei 10.639, que torna obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira.

nossa sociedade;

- Discussão do conceito de diáspora africana e suas implicações na História dos povos africanos no Brasil;
- Sistematização das informações por meio de uma apresentação no *PowerPoint* pelo (a) professor (a).

Atividade Sequenciada 4

- Constituição de uma equipe de participantes, para produzirem poesias sobre os conhecimentos adquiridos relativos à África, tanto nos aspectos históricos quanto geográficos e culturais;
- Socialização das poesias, por meio de rodas de leitura;
- Sistematização das informações e encerramento das atividades pelo (a) professor(a).

Vivenciando as sequências...

Das sequências que compuseram este Caderno, cinco foram experienciadas na escola campo da pesquisa. Assim, faremos um resumo das atividades mais significativas com vistas a oportunizar e entusiasmar você, professor(a), a inserir no seu componente curricular conteúdos relativos à história e à cultura e afro-brasileira e africana.

Esta sequência foi realizada conforme as atividades mencionadas. As primeiras atividades desenvolvidas nesta sequência funcionaram também como uma espécie de diagnóstico daquilo que sabiam os(as) alunos(as) sobre a África, porque serviria tanto para direcionar as próximas ações quanto para verificar como a escola vem potencializando tais informações ao longo da escolaridade de alunos(as), considerando que aquele público tinha em média 4 a 8 anos de tempo escolar naquele ambiente, dado comprovado quando analisamos os dossiês.

Nos textos elaborados pelos(as) alunos e alunas, constatamos que as palavras mais frequentes, ao se referir à África, foram: **calor, conflito, humilhação, fome, doenças, cor, desemprego, país, miséria, tristeza, etc.** Destas informações, alguns desses (as) alunos (as) alegaram ter obtido conhecimento por meio da televisão.

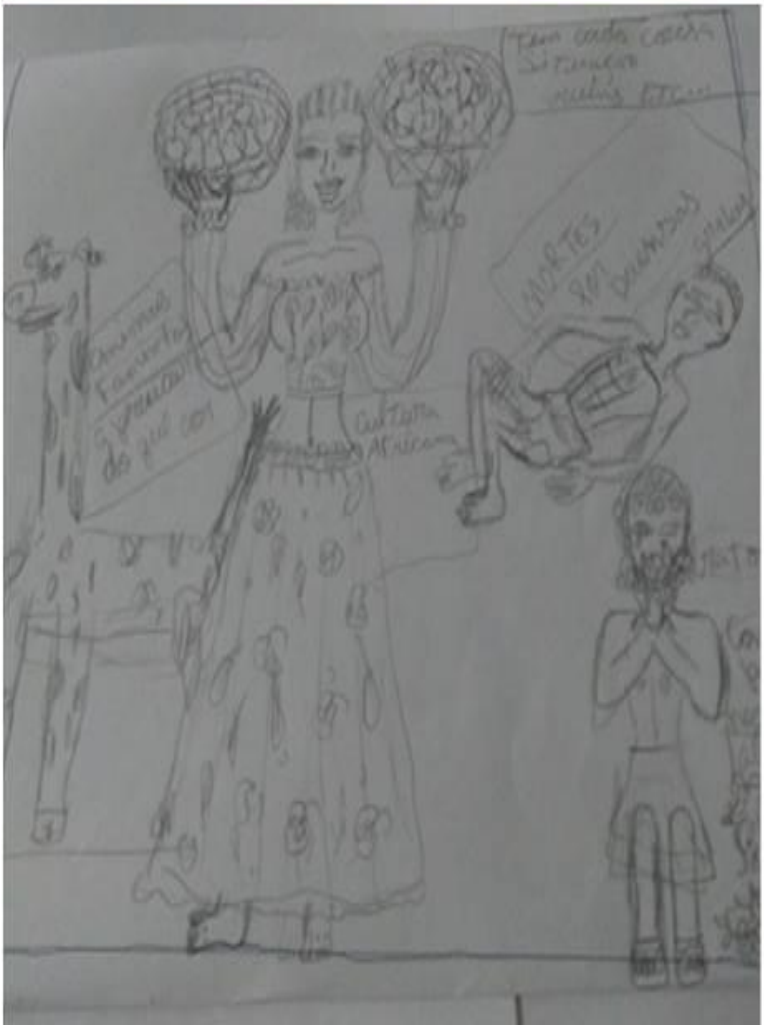
Eis alguns registros dos(as) alunos(as) para ilustrar e confirmar as informações supracitadas.

> *É um lugar onde tem muita necessidade, onde muitas pessoas morrem de fome cede onde tem muitos animais em extinção e um lugar onde tem muito sofrimento muita maldade. (Al1)*
>
> *É uma floresta que não tem nada pra eles comer ela passam muita fome e quando eu olho as crianças na televisão eu acho muito triste porque eles ficam gripados ai tem vez que eles morrem e não tem dinheiro para comprar caixão ai eles enterram no buraco e também tem vez que quando morre eles deixam o corpo lá mesmo onde morreu e também o que eles olham na frente eles querem comer rato e também as crianças são muito magra e também tem doenças muito grave e ai eles acabam morrendo de muita fome e acabam morrendo de fome e de sede.(Al2)*

As intervenções pautaram-se em ajudar a detectar o conflito inicial entre o que os(as) alunos(as) já conheciam e o que deveriam conhecer. Sempre contribuindo para que percebessem a importância do novo conteúdo, a sua utilidade, apoiando e prevendo a sua autonomia (ZABALA, 2007).

A sala de aula nesse período ganhou uma configuração de leituras, seções de vídeos, rodas de conversas e pesquisas. Foi feita também interlocução com movimentos sociais para ampliação do conhecimento, pois em observância ao que orienta Petronília Silva, a escola não deve trabalhar as questões raciais de forma isolada; deve privilegiar nessa construção, interface escola e Movimento Negro, considerando a experiência de luta desse organismo no combate ao racismo e na participação efetiva na busca por Políticas Públicas de impacto social.

Pietra Diwan
Raça Pura
uma história da eugenia no Brasil e no mundo
BRASIL



5.2 Sequência didática 2: Semana da Consciência Negra: Zumbi somos nós

ESCOLA: Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro

ANO: 8º **TURNO**: Vespertino **ANO LETIVO**: 2017

ÁREA DE CONHECIMENTO: História

DURAÇÃO: 3 aulas- 45min

1 Introdução

Sobre a importância do dia 20 de novembro, é indispensável sabermos que, durante muito tempo, a questão do negro no Brasil era lembrada apenas com foco no dia 13 de maio, data em que a escola privilegiava atividades que enfatizavam a libertação do povo negro, atrelada a um ato de redenção da princesa Isabel, ignorando o contexto sociopolítico e o jogo de interesses que culminaram com a assinatura da Lei Áurea em 1888.

Frente a esse entendimento, as escolas celebram o dia 13 de maio como o dia nacional de libertação do negro. Este fato evidencia a exaltação da atitude da princesa Isabel e negação de toda a história de luta e resistência do negro, reservando-lhe a condição de passividade, de subserviência, sem memória e sem identidade.

A partir dos anos 70, com o surgimento dos movimentos negros, iniciou-se um processo de desconstrução dessa concepção equivocada de inércia. Assim, começou uma luta para que o povo brasileiro lembre e conheça as lideranças negras e as diversas ações de resistências dos negros/as africanos/as por meio da história.

Constatou-se que, pós-abolição, essa forma de escravização de

marginalização e exclusão só se intensificaram, claro que com outro formato, uma vez que não houve visibilidade nem garantia ao negro de um lugar digno na sociedade. Corroborando este pensamento, convém destacar o que nos diz o poeta gaúcho Oliveira Silveira (1971), **Treze de maio: traição, liberdade sem asas e fome sem pão**. Razão que mobiliza o movimento a romper com esta inverdade de libertação que só contribuiu para enfraquecer e tornar invisível a história de resistência denunciada nas fugas, nas organizações em quilombos, que tinham a intenção de unir forças para se defenderem das injustiças às quais eram submetidos. Resistência expressa na memória e ancestralidade de negras e negros, que, mesmo tratados em condições sub-humanas, tinham fôlego suficiente para manter viva a identidade de um povo (SANTOS, 2009).

Com foco nesse contexto, o movimento negro destaca como data significativa, para ser comemorado, o dia 20 de novembro, dia da morte de Zumbi dos Palmares, o qual, na opinião de Ribeiro (2007 apud SANTOS, 2009), foi considerado o ícone da falange Palmarina; é uma figura viva na memória do povo brasileiro e reproduz os ideias de uma sociedade solidária e aguerrida, em que homens, mulheres, negro(as), indígenas e brancos(as) puderam desconstruir o sistema de estratificação social pela República de Palmares, contrapondo-se ao regime de escravidão.

Em atendimento às reivindicações do Movimento Negro e frente às Políticas Públicas de âmbito Nacional e Internacional, o Governo Lula assinou em 2003, a Lei nº 10.639/03, que altera a LDB nº 9394/06, nos artigos 26A e 79B. Estas mudanças, para além de tornar obrigatória a inclusão da Historia e da Cultura Afro-brasileira no currículo escolar, incluem o dia 20 de novembro no Calendário Escolar como o Dia Nacional da Consciência Negra.

O dia vinte de novembro para o movimento negro é digno de comemoração, porque mantém viva a memória do Herói Zumbi, que na

opinião de Munanga (2006), mesmo diante de sua morte cruel e tendo seu corpo desrespeitado, ao invés de causar medo e submissão às negras e negros, suscitou um sentimento forte de liderança, tornando-se símbolo de luta e resistência para todos(as) negros(as) no Brasil.

Nesta atividade, o conteúdo a ser desenvolvido, é o **sentido do Dia Nacional da Consciência Negra**. Por isso, cabe: um trabalho interdisciplinar, pois envolve a História de Zumbi, o contexto geográfico e econômico de Palmares. A importância política do Movimento Negro. Leituras de textos, análise de vídeos. É importante também ultrapassar os muros da escola, abrir espaço dialogar com o Movimento Negro[5] contribuir com a experiência da militância.

2 Objetivos:

- Conhecer o contexto histórico do Quilombo dos Palmares.
- Identificar a Serra da Barriga no mapa.
- Conhecer a trajetória de Zumbi dos Palmares e valorizar as suas contribuições para a consciência negra dos(as) afro-brasileiros.
- Refletir sobre a importância do Dia 20 de novembro para a população negra.
- Conhecer os dispositivos legais que tornam obrigatória a inserção do dia 20 de novembro no Calendário Escolar.
- Conhecer conceitos de raça, racismo, preconceito e discriminação;
- Identificar situações cotidianas em que presenciou ou foi vítima de racismo.
- Refletir sobre as situações de racismo presentes no vídeo “Vista a minha pele”.

[5] Nesta sequência tivemos a contribuição de Adomair O. Ogunbiyi, Coordenador Estadual do Movimento Negro Unificado – MNU. Pedagogo e especialista em Gestão de Políticas de Gênero e Raça.

3 Área de Conhecimento/Conteúdos

História

- Quilombo dos Palmares
- Zumbi dos Palmares
- O significado do Dia 20 de novembro
- Conceito de raça, racismo, preconceito e discriminação

Geografia

- Localização do Quilombo de Palmares

Língua Portuguesa

- Análise, leitura e interpretação de textos
- Vocabulário

4 Sequência de Atividades

Atividade Sequenciada 1

- Organização da sala de aula em círculo, com vistas a possibilitar a roda de diálogo e a condução do trabalho pelo(a) coordenador(a) da atividade, de modo a possibilitar a materialização de uma relação mais horizontal entre os pares; organização do ambiente com livros, textos e artefatos da cultura africana para oportunizar aos alunos e alunas o contato com informações no campo das relações étnico-raciais;
- Realização de levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre o Quilombo dos Palmares;
- Organização de equipes para realização de leitura do mapa e textos sobre Quilombo dos Palmares;
- Sistematização do conhecimento pelo (a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 2

- Organização de cartaz com as informações obtidas no mapa e no texto sobre [6]Quilombo de Palmares;
- Socialização com os pares das informações obtidas sobre o Quilombo dos Palmares;
- Apresentação de documentário sobre a trajetória de Zumbi dos Palmares e sua luta heroica pela causa negra;
- Escuta de informações sobre o significado do Dia 20 de novembro e sobre a obrigatoriedade da inserção desta data no Calendário escolar;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 3

- Escuta de informações sobre o conceito de raça, racismo, preconceito e discriminação;
- Identificação de diferenças e semelhanças entre os conceitos raça, racismo, preconceito e discriminação;
- Apresentação do vídeo Vista a minha pele.

Atividade Sequenciada 4

- Organização de equipe para analisar o vídeo e identificar situações de racismo;
- Comparação de cenas do vídeo com o próprio cotidiano e o de seus pares;
- Socialização das informações em roda de diálogo;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

[6] Texto extraído da fonte: MUNANGA, Kanbengele.; GOMES, Nilma Lino. O Negro no Brasil de Hoje. São Paulo. Global. 2006.

GRAFFITI?

ÁFRICA

5.3 Sequência didática 3: O lugar do Grafite como possibilidade de ver a si e o mundo

ESCOLA: Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro

ANO: 8º **TURNO:** Vespertino **ANO LETIVO:** 2017

ÁREA DE CONHECIMENTO: Arte

DURAÇÃO: 8 aulas- 45min

1 Introdução

O Trabalho de Jordana Falcão Tavares, titulado: DAS GALERIAS PARA AS LOJAS: o grafite entre a arte contemporânea e o consumo, demarca que a origem do Grafite, remonta à pré-história como ponto de partida para a prática de escrever em muros e paredes. Para Gitahy (1999), foi o uso do bastão de grafite – do italiano graffito – para gravar o interior das cavernas que deu nome à técnica de escrever ou desenhar em paredes. Acredita-se que "(as pinturas rupestres) representam animais, caçadores e símbolos, muitos dos quais, ainda hoje, são enigmas para os arqueólogos. Não sabemos exatamente o que levou o homem das cavernas a fazer essas pinturas, mas o importante é que ele possuía uma linguagem simbólica própria" (GITAHY, 1999, p. 12).

O grafite é uma linguagem que expressa os sentimentos e valores atribuídos a lugares e aos sentidos da cultura; ao comunicar-se com a cidade, provoca, e ao transformar a paisagem, realça a singularidade dos espaços. Nesta pesquisa e na organização deste Caderno de Orientações, concebemos o grafite como relevante fonte documental, representativo dos sentidos da cidade, de seus contextos histórico, social e cultural e do imaginário de seus sujeitos. Consideramos a importância do Grafite, também, em muros de escolas, representativo das tessituras das culturas, arte que rompe o silêncio das vozes que se pronunciam, que denunciam e

expressam outros jeitos de ser por meio da linguagem expressa em temas e mensagens que visam dar visibilidade à comunidade escolar e seu entorno. São escritas que narram e revelam uma preocupação social daqueles que não aceitam as formas de dominação das elites explícita e simbólicas (SILVA; IAPECHINO; GOMES, 2009).

Podemos também consultar o trabalho de Carina Sala de Moreis, intitulado GRAFITE: DA ARTE DE RUA AO DIÁLOGO ENTRE SABERES. A pesquisa **constata que os espaços podem ser transformados em ambientes educativos nas instituições de ensino, locais onde os alunos podem frequentar, se relacionar em áreas transformadas por eles e para eles.** O artista-grafiteiro trabalha com a consciência de pertencimento ao lugar e propõe de forma imagética uma reflexão sobre a condição humana e o lugar dos sujeitos no mundo, buscando vencer os pré-conceitos e os estereótipos comuns na sociedade.

Ao focar em temas da vida cotidiana, o grafite provoca pontos de tensão, pois denuncia ideias preconceituosos, estereótipos e julgamentos pré-estabelecidos, transformando as paisagens urbanas em cenários educativos.

Além dessas referências, outras fontes poderão ser consultadas para realização dessa atividade sequenciada. É importante a escola se mobilizar de forma que essa arte e expressão possam construir um campo simbólico de representações coletivas sobre o povo negro. É salutar para fortalecimento de práticas que envolvam um trabalho colaborativo e de ativismo da comunidade e da escola, por meio da participação de representantes do Movimento Negro.

> Perceber a importância de se conceber as cidades como ‘educadoras’, pois uma cidade pode ofertar reflexão aos seus cidadãos, pois educação e cultura não se aprendem “somente” nas escolas, mas em todos os lugares que uma pessoa frequenta (MOREIS, 2015, p. 5271)

2 Objetivos

- Expressar o que conhece sobre Graffiti.
- Conhecer a trajetória do Graffiti e suas relações com o Movimento Hip Hop.
- Identificar a diferença e relações entre Graffiti e pichação.
- Refletir sobre a Arte do Graffiti e os significados de suas expressões.
- Observar espaços grafitados em seus bairros, incluindo a fachada da escola.
- Conhecer as técnicas do Graffiti.
- Definir o espaço da escola e solicitar da gestão escolar autorização para que ele sirva de mural.

3 Área de Conhecimento/Conteúdos

Arte

- Grafite

Língua Portuguesa

- Leituras dos espaços grafitados
- Vocabulário

História

- A trajetória do grafite

4 Sequência de Atividades

Atividade Sequenciada 1

- Organização do ambiente da sala, de modo que a relação entre os pares se torne horizontal, que convide ao diálogo e à participação na construção do conhecimento;
- Realização de levantamento do conhecimento prévio dos alunos sobre grafitagem, instigar a diferença entre pichação e grafite;
- Reflexão sobre o que é Grafite e o que é Pichação;
- Organização de equipes para realização de leitura sobre o conceito de grafite e pichação e sobre a trajetória histórica do Grafite;
- Socialização das informações adquiridas na leitura;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 2

- Realização de observações em murais grafitados em seu bairro e na fachada da escola;
- Registo das observações;
- Socialização das informações por meio de rodas de conversa;
- Realização de pesquisas sobre as técnicas do Grafite;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 3

- Definição do local na escola para realização da atividade prática;
- Solicitação à Gestão da Escola de autorização para utilização do espaço;
- Conhecimento e organização do material a ser utilizado na oficina (máscaras, spray);

- Orientações sobre a utilização dos materiais pelo(a) coordenador(a) da atividade.

Atividade Sequenciada 4

- Definição do tema do mural;
- Grafitagem do mural com orientações dos grafiteiros.

Vivenciando a sequência...

> Usando um termo discutido por Martins e Tourinho (2005), o que desenvolvemos neste projeto foi uma espécie de "currículo nômade", um ensino que não se instala numa única posição ou tendência teórica, vendo os sujeitos em trânsito, sem identidades fixas e ousando inventar seus próprios trânsitos (MARTINS; TOURINHO, 2005, p. 105

Aprendendo sobre técnicas de pintura em spray, estêncil e todo o conceito por trás do grafite, tivemos como mediadores desta atividade sequenciada, os participantes do Quilombo Urbano[7]. A oficina teve como objetivo desenvolver conteúdos sobre a memória africana por meio da linguagem do Grafite. Foi oportuno utilizar esse meio para comunicar as aprendizagens dos alunos e alunas por duas razões. Primeiro, porque resgata um projeto que a escola já havia desenvolvido na fachada externa da escola, segundo, porque foi um interesse manifestado pelos estudantes.

Os objetivos específicos das atividades foram desenvolvidos na perspectiva de: conhecer a História, sociopolítica e cultural da linguagem grafite; compreender o grafite do Movimento Hip Hop do Maranhão; experimentar a Arte do Grafite para expressar seus sentimentos sobre a cultura afro-brasileira e africana.

[7] Esta sequência foi realizada com a contribuição do Movimento Quilombo Urbano coordenado por Gleydson Rogério Linhares dos Santo Coutinho.

A Oficina realizou-se em dois momentos distintos com uma carga horária de oito horas. No primeiro encontro, participaram da oficina os alunos e alunas do oitavo ano, a pesquisadora e quatro integrantes da coordenação dos trabalhos. Dentre estes, o coordenador geral, um fotógrafo e dois grafiteiros. Utilizamos outro espaço[8] diferente da sala de aula para efetivação dessa atividade. Os conteúdos foram: Conceito de Grafite; Contexto Histórico social e político; Grafite e Arte: Técnicas da Arte do Grafite.

A metodologia incluiu o conhecimento prévio sobre o conceito; instrumentalização por meio de exposição dialógica e pesquisas; observações no muro da escola[9]; orientações para desenhar uma Arte para participar da oficina prática.

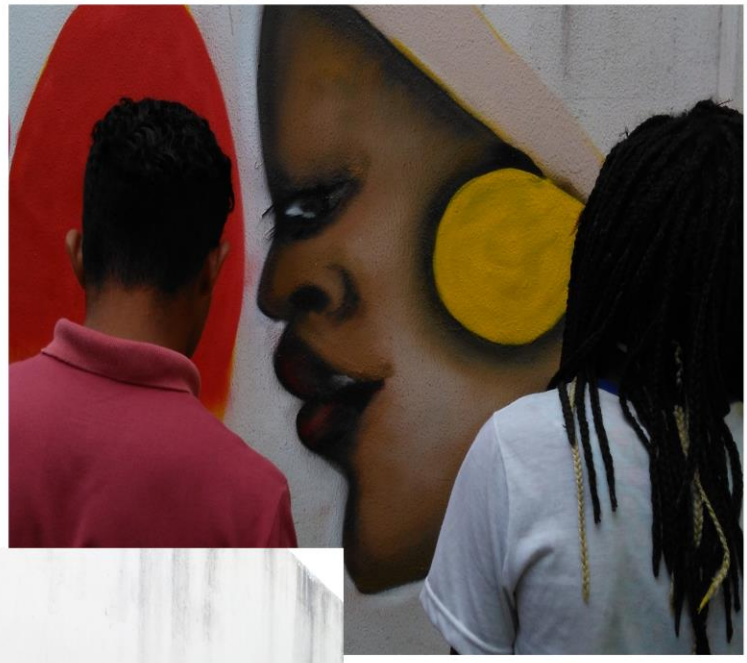
No Pátio da escola, inventando e reinventando mural

Na oficina, a rotina de estudantes de toda a escola pôde, por instantes, sofrer modificações, ao passo que professores, estudantes e funcionários se viram interpelados por inesperadas propostas de experiências artísticas nos corredores, das quais não só observavam, mas também participavam e contribuíam na construção. Sentiam o que lhes afetava no instante atual, e produziam modos de vida. Saíam das obviedades, da brancura que cega, da tranquilidade que faz dormir. VAZ (2013, p 96)

Nesta tarde, a escola cedeu espaço para construção dos(as) alunos(as) no pátio de entrada da escola. A leitura do artigo de Tamiris Vaz (2013) **Pichação+Arte+Educação: outros olhares**, nos ajuda definir o significado dessa atividade para alunos e alunas, pesquisador(as) e grafiteiros(as) que colaboraram com o produto final desta sequência.

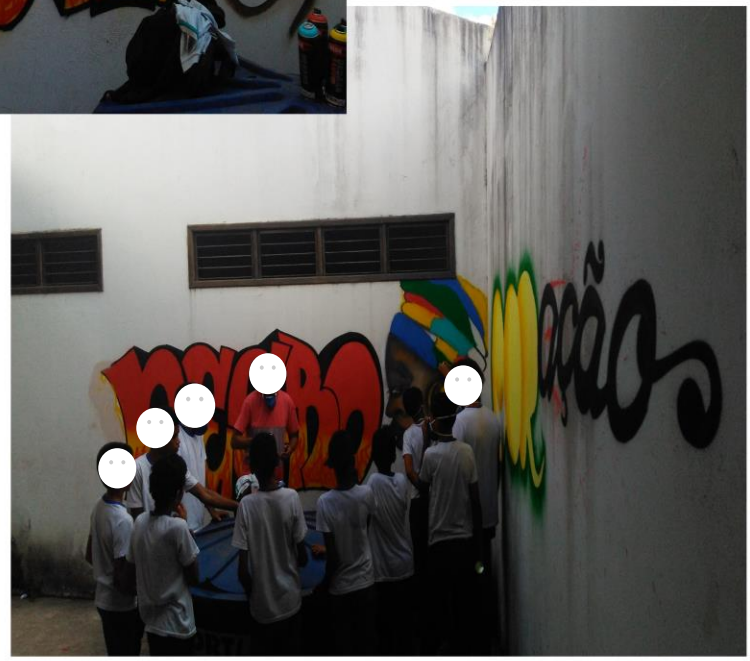
[8] Conforme sinaliza Lapassade (2005), a negociação em campo no momento da entrada, se entende no processo da pesquisa. Significa dizer que utilizar outros espaços para realização das atividades não era mais dificuldade para mim porque algumas negociações e conquistas foram sendo favorecidas, ao passo que eu não era mais tão estranha naquele ambiente.

[9] A parte lateral da escola, que dá acesso à Avenida dos Africanos, tem o muro com a Arte do grafite.



NEGRO

NEGRO
COR


NEGRO

5.4 Sequência didática 4: Negras e Negros que contribuíram com a Arte, História e Literatura

ESCOLA: Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro

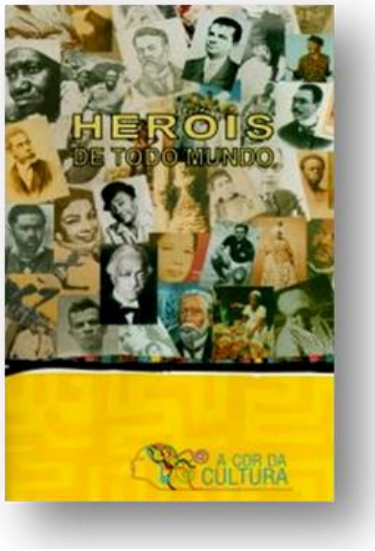
ANO: 8º **TURNO:** Vespertino **ANO LETIVO:** 2017

ÁREA DE CONHECIMENTO: Arte e Língua Portuguesa

DURAÇÃO: 4 aulas- 45min

RECURSO DIDÁTICO: DVD Heróis de Todo Mundo

1 Introdução



A série, Heróis de Todo Mundo, selecionada para integrar este trabalho, integra o Projeto A Cor da Cultura conforme já mencionamos na apresentação deste Caderno de Orientações Didáticas. São 45 (quarenta e cinco) documentários que apresentam aspectos da biografia de cidadãos e cidadãs afro-brasileiros, atuantes na História nos campos da cultura, da ciência e da vida política. O documentário ilustra a trajetória desses heróis é apresentada por outros ilustres negros brasileiros, que reproduzem suas falas e finalizam apresentando o seu campo de atuação (BRANDÃO, 2006b).

O documentário, além de trazer informações sobre a vida de brasileiros desconhecidos, que oportunizam a alunos e alunas conhecer as contribuições intelectuais de personalidades negras para a sociedade, reforçam a condição de pessoa negra. As atividades privilegiando o DVD, Heróis de Todo Mundo, abre espaço para o reconhecimento da efetiva

contribuição dos saberes, talentos e culturas na História no Brasil e concorre para o respeito às experiências que foram e são relevantes para a construção da brasilidade e da identidade brasileira (BRANDÃO, 2006b).

O objetivo da série é resgatar a memória afrodescendente, que contribuiu para a construção do conhecimento no nosso país, com postura afirmativa e de valorização, com vistas a criar um impacto positivo no imaginário dos(as) afro-brasileiros (as), na perspectiva deste trabalho, e de alunos e alunas.

Heróis de Todo Mundo visa também romper com injustiças históricas de invisibilização dos conhecimentos de raiz africana que contribuem para desqualificar e estigmatizar negros e negras. Na contramão desse propósito, qualifica moral e emocionalmente o universo afro-brasileiro e busca romper as bases do recalque nos mecanismos de identidade e referências dos grupos historicamente subordinados.

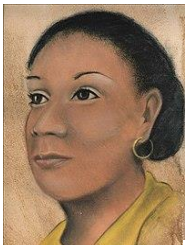
A série integra uma lista de 30 heróis e heroínas negros e negras na primeira edição e 15 na terceira edição, dentre os quais dois são maranhenses: Maria Firmina dos Reis[10] e Negro Cosme[11]. Além das sugestões que constam na lista da série, incluímos João do Vale, cantor e compositor maranhense, pela contribuição no campo da musicalidade e da composição. Nessa perspectiva, fica a critério do professor promover essa visibilidade mais próxima do aluno, podendo incluir personalidades negras inclusive da comunidade do(a) aluno(a).

Nesta atividade, o conteúdo central são os Heróis e Heroínas negros e negras, considerando que as referências que nossos(as) alunos e alunas possuem são de ordem europeia. Este tema é convidativo e envolve vários componentes curriculares. Portanto, é importante fazer o levantamento do conhecimento prévio, com vistas a perceber como os heróis negros são

[10] Maria Firmina dos Reis nasceu em São Luís - Maranhão, no dia 11 de outubro de 1825.É considerada a primeira romancista brasileira.(SILVA, 2011)
[11] Cosme Bento das Chagas, também conhecido como Negro Cosme, foi um líder quilombola.

invisibilizados para os nossos jovens. Esta atividade também suscita a pesquisa e um passeio gigante no mundo da literatura, arte, musicalidade, poesias, história de vida de negros e negras. Fundamental para desenvolver a identidade dos(as) alunos(as) negros(as), pois, ao passo que se deparam com o heroísmo de negros e negras, se autoidentificam e se reconhecem negros e negras.

Parede da memória fotográfica de heróis e heroínas negros e negras



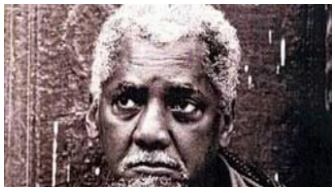
Maria Firmina

Machado de Assis

João Cândido

Lélia González

Pinxinguinha



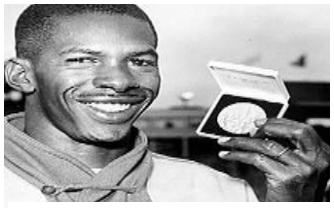
Solano Trindade

Milton Santos

João do Vale

Antonieta de Barros

Negro Cosme



Ademar da Silva

2 Objetivos

- Conhecer heróis e heroínas negros e negras que se destacaram na História e na cultura afro-brasileira.
- Fazer levantamento e análise de obras de artistas negros e negras.
- Valorizar as contribuições da história e da cultura de negras e negros para o conhecimento intelectual da sociedade brasileira.
- Construir imagens mediante a percepção das personagens negras.
- Caracterizar as personalidades negras.
- Criar um folder sobre artistas negros e negras e suas obras.
- Declamar poesias das personalidades negras que se destacaram no campo da literatura.
- Refletir sobre as composições musicais de autoria de artistas negros e negras.
- Realizar exposição das imagens de heróis e heroínas negros e negras.
- Viabilizar o acesso a outras turmas com o intuito de dar visibilidade a essas personalidades ausentes do currículo da escola.

3 Áreas de Conhecimento/Conteúdos

Arte

- Imagens de negras e negros que se destacaram na História em diversos campos do conhecimento
- Caracterização das personalidades negras

Língua Portuguesa

- Vida e Obras das personalidades negras
- Poesias

- Letra das melodias
- Vocabulário

4 Sequência de Atividades

Atividade Sequenciada 1

- Organização da sala de aula em círculo visando a possibilitar a roda de diálogo, o olhar no olho do outro por parte dos(as) alunos(as) e do(a) coordenador(a) da atividade, oportunizar a materialização de uma relação mais horizontal entre os pares;
- Organização em equipes e elaboração de uma lista de heróis e heroínas negros e negras;
- Socialização de informações com os pares e exposição do que sabem sobre a personalidade selecionada;
- Identificação de algumas personalidades maranhenses que contribuíram com a arte, literatura e a história afro-maranhense.

Atividade Sequenciada 2

- Obtenção de informações sobre a composição da série do DVD Heróis de Todo Mundo;
- Exibição do DVD Heróis de Todo Mundo;
- Exposição do conhecimento adquirido sobre os episódios do DVD;
- Identificação dos Heróis e heroínas maranhenses presentes no vídeo;
- Identificação de heróis negros e negras de sua comunidade;
- Escolha de um dos Heróis e Heroínas negro(a) para pesquisar sobre sua vida e obra;
- Produção de desenho da imagem de uma personagem negra;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de

exposição dialógica.

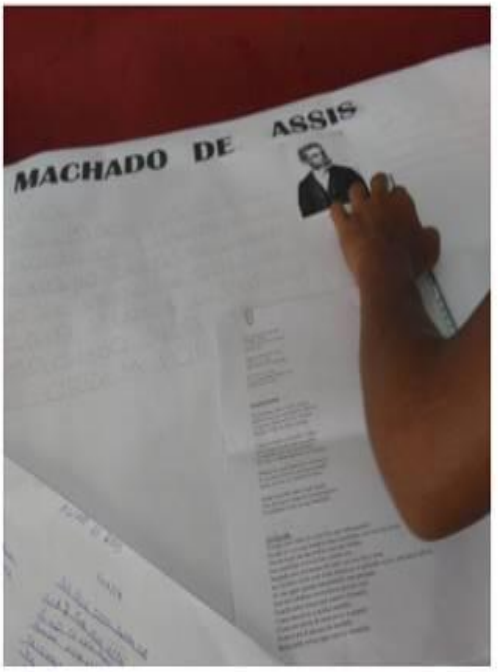
Atividade Sequenciada 3

- Definição de qual dos participante da dupla será caracterizado(a) com os traços físicos da personalidade negra;
- Escolha de uma das obras da personalidade negra para aprofundar o conhecimento;
- Exposição dos trabalhos com o apoio do (a) professor (a) no pátio da escola;
- Exibição das atividades aos(às) alunos(as) da escola.

Vivenciando a sequência...

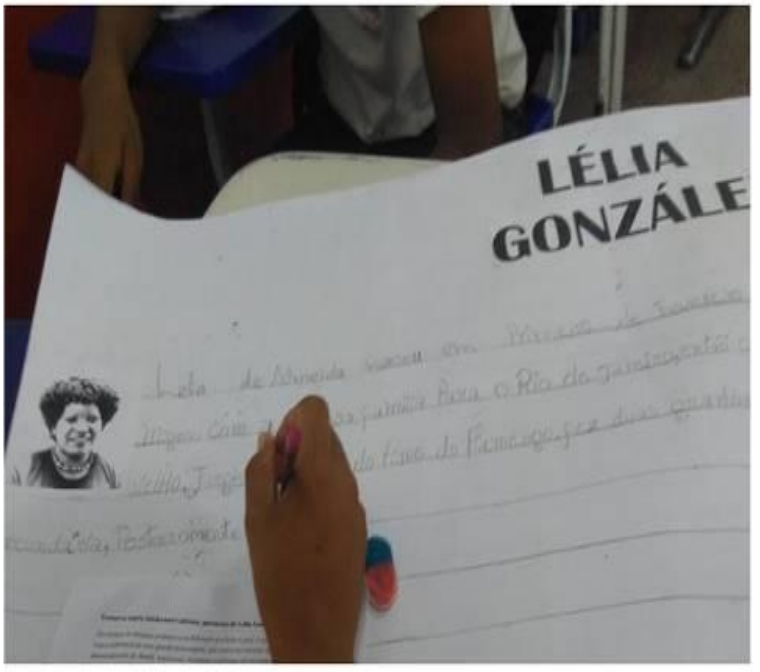
Do conjunto de relações interativas que Zabala (2007) propõe para facilitar a aprendizagem, deduzimos uma série de funções do professor, e temos como ponto de partida o planejamento. Assim, é importante destacar os incansáveis planejamentos que foram realizados para realização das atividades sequenciadas, bem como o levantamento prévio dos recursos a ser utilizados nas atividades. Destacamos neste contexto: “Ajudar os alunos a encontrar sentido no que estão fazendo para que conheçam o que têm que fazer, sintam que podem fazê-lo e que é interessante fazê-lo” (ZABALA, 2007, p. 92).

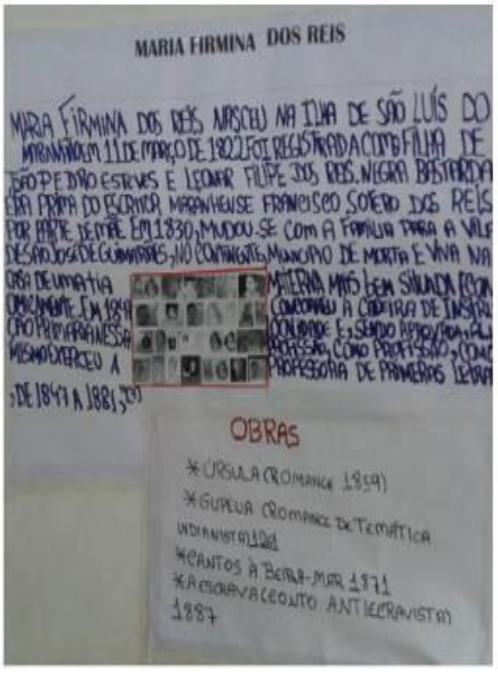
SOLANO TRIN

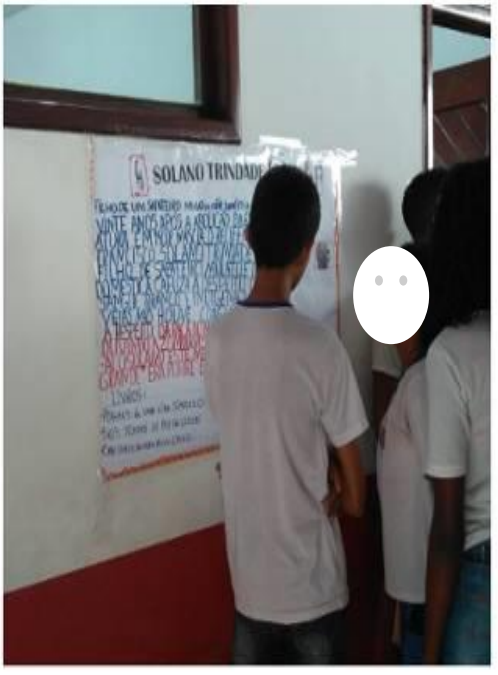

MACHADO DE ASSIS

VALE

LÉLIA
GONZÁLEZ
Mãe de primeira viagem


LÉLIA
GONZÁLE


MARIA FIRMINA DOS REIS
OBRAS
*URSULA (ROMANCE 1859)
*GUPEVA (ROMANCE DE TEMÁTICA INDIANISTA) 1861
*CANTOS À BEIRA-MAR 1871
*A escrava Isaura ANTIESCRAVISTA 1887


SOLANO TRINDADE

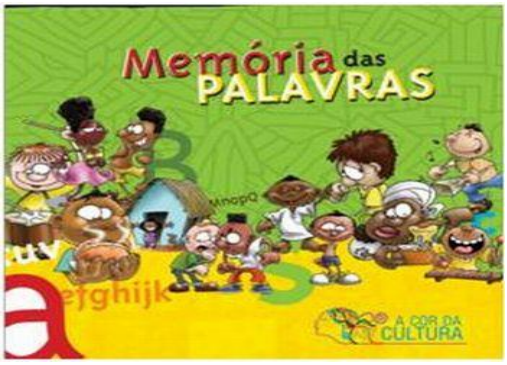
5.5 Sequência didática 5: Contribuições vocabulares africana para a formação do povo brasileiro

A orelha vai à escola todos os dias
(Provérbio Africano)

ESCOLA: Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro
ANO:8º **TURNO**: Vespertino **ANO LETIVO**: 2017
ÁREA DE CONHECIMENTO: Língua Portuguesa
DURAÇÃO: 6 aulas- 45min

1 Introdução

Das palavras que falamos, quais são de origem africana?



As palavras? As palavras povoam nosso cotidiano, nossa história, nomeiam, significam a vida. Saramago, ao brincar com a palavra, nos deixa esta contribuição: "No fundo, a palavra autêntica, a palavra verdadeira é a palavra dita. A palavra escrita é apenas uma coisinha morta que está ali, à espera de que a ressuscitem. E é no dizer da palavra que a palavra é efetivamente palavra". Em Negritude, Letramento e uso social da oralidade, Souza (2000) nos prenseita com essa reflexão de Saramago. Pensando na força da palavra... temos uma curiosidade: Como será que a escola tem utilizado este instrumento para possibilitar a alunos e alunas, negras e negros olhar para si próprios(as)?

O livro Memória das palavras nos faz perceber o quanto utilizamos palavras de origem africana na nossa comunicação diária. Tem mais de africano em nós do que imaginamos. Podemos constatar esse fato logo cedo, pela manhã tomamos **café**, e, se não tiver com que adoçar, vamos à **quitanda** comprar **açúcar**. São visíveis as marcas de africania em nossa identidade cultural e linguística.

Os povos de origem africana não só contribuíram com a construção da história do país, como também exerceram influências no português do Brasil. Nessa direção, é imprescindível que alunos e alunas compreendam e reflitam sobre a língua, pois esta é uma das maiores expressões culturais de um povo. Autores, como Lucchesi e Castro, destacam que a singularidade existente no português escrito e falado no Brasil reflete influências do contato com outras línguas, ainda no período pré-colonial, quais sejam: indígena e africana. Porém, paira sobre esta a maior influência.

Foram quase quatro séculos de escravização; a influência se reflete em nosso léxico, à medida que palavras de origem africana passaram a integrar o nosso vocabulário. Palavras originárias do Iorubá ou do Quimbundo, tais como: **babá, bacana, bagunça, moleque, bancar, bunda, cochila, caçula, cafofo, fofoca, fuxico, mochila, saravá**, **zoeira** e tantas outras utilizadas amplamente nas rodas de conversas, na vida familiar entre jovens, crianças, adultos e idosos, são de origem africana. São utilizadas para costurar o cotidiano cultural, para favorecer a comunicação.

O Brasil é a nação que tem a segunda maior população negra do planeta. País multicultural, traz a marca indelével dos africanos e de seus descendentes em sua formação. Em nosso vocabulário, muitas das palavras usadas no dia-a-dia têm origem nos falares herdados da mãe-África, procedentes de diferentes grupos étnico-lingüísticos, como os iorubás e, especialmente, os povos bantos. Pois não existe apenas uma, mas várias Áfricas, espalhadas num vasto continente, composto, hoje, de 53 países (BARBOSA, 2006).

Nessa perspectiva, é indispensável que a escola, ao cumprir os

dispositivos legais da LDB nº 9.394/96, alterada pela Lei nº 10.639/2003, se faça cumprir com inclusão no currículo da História e Memória dos povos africanos e afro-brasileiros. Cabe-nos, portanto, positivar o lado negro de cada criança e jovem, positivar o passado de escravização, por meio da história de resistências ou de simples amostras do seu legado por meio do vocabulário, de ilustração de personagens negros que se destacaram na história. Nisso consistem as atividades sequenciadas de identidade racial.

Nesta atividade, o conteúdo a ser desenvolvido **é a memória das palavras de origem africana**. Como temos discutido, ao longo deste Caderno, o registro do legado que positiva o negro e que enaltece as suas contribuições, em todos os campos do conhecimento, precisa ocupar o espaço corroborado pelo livro didático. O que temos observado é que este que resume a memória dos povos africanos em textos que estigmatizam e estereotipam os alunos negros e criam nos não negros uma cultura de superioridade (SILVA, 2005).

A oralidade a escrita são dispositivos importantes para instrumentalização dos alunos. Precisamos utilizar as situações cotidianas de discriminação racial para imprimir práticas antirracistas. Quanto mais lemos, mais nos apropriarmos do vocabulário de origem africana, mais instrumentos teremos para construir uma identidade negra positiva. “Quando lemos, falamos, trocamos ideias e registramos nossos pensamentos, mais temos condições de entender a nossa história de vida e de pensar sobre nós mesmos e o outro” (SOUZA, 2000, p. 178).

O professor precisa utilizar o espaço de sala de aula e de sua criatividade para desenvolver as mais variadas atividades com o vocabulário africano. Afinal, ele se entrelaça em nossa vida cotidiana. É uma atividade que pode ser desenvolvida, envolvendo a família por meio da pesquisa.

2 Objetivos

- Identificar palavras de origem africana.
- Pesquisar a origem e o significado das palavras africanas.
- Identificar as palavras africanas utilizadas no ambiente familiar e escolar.
- Refletir sobre as contribuições do vocabulário africano para a língua falada escrita no nosso cotidiano.
- Elaborar um minidicionário ilustrado das palavras de origem africana.

3 Conteúdos

Língua Portuguesa

- Origem da palavra
- Palavras africanas
- Registros
- Pequenos textos

4 Sequência de Atividades

Atividade Sequenciada 1

- Organização do ambiente da sala de aula em círculo, com vistas a promover uma relação horizontal entre os pares;
- Leitura de uma lista de 30 palavras originárias de três países e dentre os quais, a África em maior número;
- Organização dos(as) alunos(as) em dupla para refletir e identificar quais e quantas são as palavras de origem africana, árabe e italiana;
- Preenchimento de as colunas no quadro com a quantidade de palavras originárias de cada lugar;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 2

- Socialização das respostas com os pares e explicação sobre o motivo da indicação da palavra para um ou outro lugar;
- Preenchimento do quadro mural com a quantidade de palavras identificadas conforme a origem;
- Realização de uma pesquisa em casa (com o apoio dos familiares) de 10 palavras de origem africana utilizadas no cotidiano;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 3

- Exposição das palavras pesquisadas;
- Acesso ao livro Memória das palavras;
- Confronto das informações com apoio de textos e do livro Memória das palavras;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 4

- Organização dos(as) alunos(as) em dupla;
- Construção de um minidicionário ilustrado com as palavras pesquisadas;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 5

- Organização do ambiente da sala (com o

apoio do(a) professor(a)) para exposição dos dicionários;

- Audição da música de Dorival Caymmi "Vatapá";
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Vivenciando a sequência

Vale salientar que o primeiro procedimento foi **organizar** os(as) alunos(as) em dupla na sala de aula e **distribuir** o quadro de palavras (disponível neste Caderno) de origem diversa. Solicitamos que os(as) alunos(as) **sinalizassem** as colunas com **X**, de acordo com a origem das palavras. (Observe que já se inicia aí um processo de leitura e de interrogações.) Após as sinalizações, solicitamos que **conferissem** e **totalizassem** a quantidade de palavras conforme a sua origem. Demos a cada dupla um número de identificação. Expusemos na sala um cartaz organizado em colunas com a seguinte orientação:

Dupla	Africana	Árabe	Italiana
01	10	09	11

O cartaz foi preenchido com a quantidade de palavras de cada origem. Depois que todos preencheram o quantitativo, organizamos a sala em círculo para avaliar quem tinha identificado o maior número de palavras africanas. Como a sequência teve proposição para 4 (quatro) aulas, demos continuidade no encontro seguinte.

As demais atividades consistiram em: **distribuição** de uma lista com as mesmas palavras que compuseram o quadro, porém acrescidos o significado e a origem. A consigna se deu com a **identificação** dos erros e acertos. Além disso, facultamos a **escrita** de variados gêneros textuais utilizando as palavras, e assim **organizaram** um dicionário ilustrado, **listaram** as palavras utilizadas no cotidiano fora e dentro do ambiente escolar; também utilizaram a tecnologia da escola para pesquisar, **descobriram** informações novas...

QUAL É A ORIGEM DA PALAVRA? (Marque com um "X")				
Nº	**PALAVRAS**	**ÁFRICA**	**ÁRABE**	**ITALIANA**
01	Berimbau			
02	Cacareco			
03	Caçamba			
04	Algodão			
05	Calango			
06	Fulano			
07	Capanga			
08	Samba			
09	Mesquinho			
10	Cochilar			
11	Tabefe			
12	Dendê			
13	Bobó			
14	Sucata			
15	Quiabo			
16	Caçula			
17	Zero			
18	Cafuné			
19	Maestro			
20	Farofa			
21	Poltrona			

22	Moleque			
23	Quitanda			
24	Palhaço			
25	Alarme			
26	Fubá			
27	Risoto			
28	Pastel			
29	Mungunzá			
30	Alarme			
31	Abadá			
TOTAL				

Origem da Palavra

África

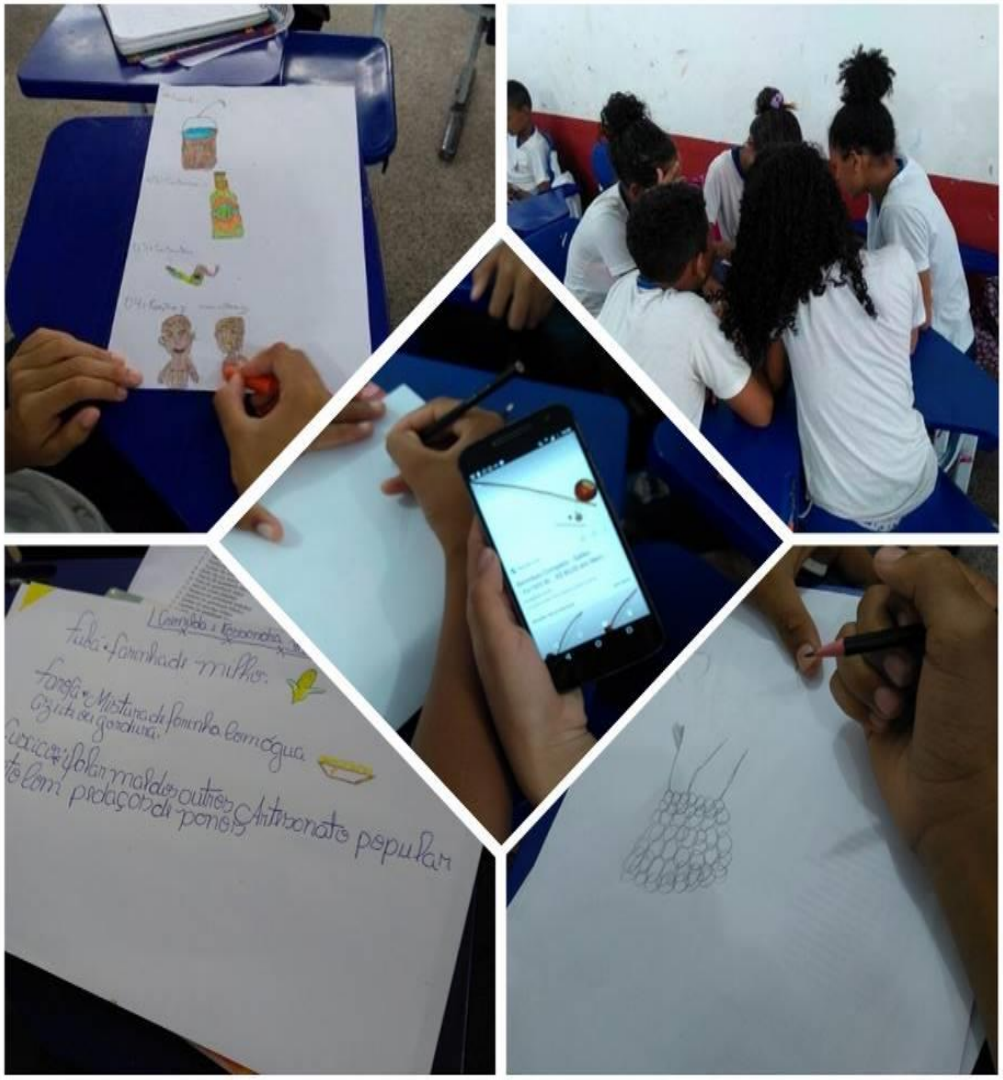
1. Berimbau (do quimbundo mbirimbau);
2. Calango (do quimbundo kalanga);
3. Caxixi (do quimbundo kaxaxi);
4. Ganzá (do quimbundo nganza);
5. Maculelê (do quicongo makalele);
6. Samba (do quicongo samba).
7. Acarajé (do iorubá akarà-ję);
8. Bobó (do jeje bobó);
9. Farofa (do quimbundo falofa);
10. Fubá (do quimbundo fuba);
11. Jabá (do iorubá jàbàjábá);
12. Moqueca (do quimbundo mukéka);
13. Quibebe (do quimbundo kibebe);
14. Quitute (do quicongo kilute).
15. Caçamba (do quimbundo kisambu);
16. Cacimba (do quimbundo kixíma);
17. Caçula (do quimbundo kasule);
18. Cafuné (do quimbundo kafundu);
19. Capanga (do quimbundo kapanga);
20. Cochilar (do quimbundo koxila);
21. Moleque (do quimbundo muleke);
22. Muvuca (do quicongo mvuka);
23. Quilombo (do quimbundo kilombo);
24. Quitanda (do quimbundo kitanda);
25. Senzala (do quimbundo sanzala);
26. Tanga (do quimbundo ntanga);
27. Zumbi
28. Mungunzá
29. Bambambã (do quimbundo mbamba mbamba);

30. Borocoxô (do quicongo bolokotó);
31. Bunda (do quimbundo mbunda);
32. Caçamba (do quimbundo kisambu);
33. Capanga (do quimbundo kapanga);
34. Muvuca (do quicongo mvuka);
35. Tanga (do quimbundo ntanga);

Árabe

1. **Algema**: Veio do árabe al-jama'a, pulseira.
2. **Algodão**: Veio do árabe al-qutun, que também originou algodón, em espanhol.
3. **Cacareco**: É mais usado no plural, cacarecos, e significa coisa velha, de pouco valor.
4. **Fulano**: Veio do árabe fulan, alguém. Beltrano veio de Beltrão que mudou o final para rimar com Fulano (em espanhol, Beltrão é Beltrano). Sicrano tem origem desconhecida.
5. **Mesquinho**: Veio do árabe miskin, infeliz, desgraçado.
6. **Sucata**: Veio do árabe suqata, objeto sem valor. No princípio, sucata era apenas qualquer peça de metal inutilizada pelo uso ou enferrujada.
7. **Tabefe**: Veio do árabe tabih, cozido. Tabefe era apenas um doce feito de leite, açúcar e ovos. Virou sinônimo de bofetada porque a farinha de trigo, que entra no cozimento do leite com o açúcar, é batida com a mão aberta.
8. **Zero**: A palavra árabe çifr, vazio, zero, veio do sânscrito ûnya, vazio.

Italiana Maestro; Trêmulo; Sonata; Alarme; Artesão; Poltrona; Risoto; Poltrona; Palhaço; Pastel.



5.6 Sequência didática 6: A beleza negra como possibilidade de afirmação identitária.

ESCOLA: Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro

ANO: 8º **TURNO**: Vespertino **ANO LETIVO**: 2017

ÁREA DE CONHECIMENTO: Arte, História e Língua Portuguesa

DURAÇÃO: 4 aulas- 45min

1 Introdução

A série Mojubá[12] foi um dos DVDs selecionados para integrar este trabalho. Contém cinco episódios, todos com um valor singular, mas o que foi definido para planejar a atividade sequência foi o episódio titulado Beleza. Para o desenvolvimento do conteúdo deste vídeo, a série conta com a participação de pesquisadores no campo da antropologia, da educação e da religiosidade. Demos ênfase à valorização da Arte africana, ao valor e à conotação plural do significado dessa arte. Para além de um desenho, de uma representação no campo material, os pesquisadores destacam o valor ancestral de cada movimento relacionado com o mundo cósmico. A exemplo:

> A África nunca esteve distante do culto à beleza. Não apenas do corpo, mas também da beleza expressa nas diversas formas de arte. Na cultura africana, a concepção do belo está ligada ao bem e ao verdadeiro. A arte é uma das marcas mais fortes dos povos africanos. Ela une utilidade e estética e está nos objetos, na música, na dança, na pintura corporal, no artesanato e nos rituais sagrados. A valorização da arte africana só aconteceu no final do século XIX, com a realização de uma exposição em Bruxelas, em 1897. A partir daí, ela se tornou fonte de inspiração para alguns dos principais artistas europeus, como Matisse, Braque e Picasso. Para essa cultura ancestral, todos os objetos do mundo estão ligados entre si e estão ligados ao corpo e ao espírito. A arte

[12] Significa "REI" ou ainda que **Mojubá** seja uma saudação, como um cumprimento que se faz a quem se tem respeito, a palavra também é utilizada para dizer que a pessoa é respeitada, portanto também faz analogia com outra palavra: "grande".

> está sempre associada aos eventos e atividades da vida cotidiana, do nascimento à morte. Para o artista africano, nada é fixo ou estático, tudo é animado por um movimento cósmico. A arte é conhecimento e não imitação da natureza (BRANDÃO, 2010).

No episódio Beleza, contamos com a contribuição de Nilma Lino Gomes, referência em pesquisa no campo da identidade negra. Faz relatos sobre uma pesquisa etnográfica realizada em um salão de beleza nos anos 1999 a 2002. O seu objeto central de investigação foi sobre a simbologia do cabelo. Destaca a importância de a escola incluir no currículo discussões sobre esse tema, considerando que na sua pesquisa, as queixas de seus respondentes se relacionam diretamente à escola, lugar que serviu de palco para a exclusão, estigmatização e estereotipia em suas fases da infância e da adolescência. Os apelidos mais comuns estavam relacionados ao cabelo.

O corpo e cabelo, na visão da autora, falam por si. A sua importância

para negros e negras, está muito além da beleza. Relata que o cabelo do negro tem uma trajetória e significado na África. Ao longo da história, os cabelos receberam atenção especial nas culturas africanas e de matriz africana no Brasil. Em especial, nas culturas de origem banta. Em conjunto com o rosto, os cabelos definiam a pessoa e o grupo a que pertencia.

O cabelo é um complexo sistema de linguagem que pode indicar posição social, identidade étnica, origem, religião, idade. Principalmente a partir dos cabelos é possível resgatar memórias ancestrais. Aponta que, no Brasil, também há uma simbologia relacionada ao cabelo, a exemplo, quando as pessoas são aprovadas no vestibular, ou quando estão em cárcere, geralmente o cabelo nessas situações representam e veiculam uma informação (BRASIL, 2010).

O episódio também faz referência ao modo de vestir dos africanos e afrodescendentes, destaca o colorido dos tecidos, os bordados, dentre outros, dependendo da cultura. Enfatiza que geralmente os tecidos coloridos são os mais preferidos dos povos africanos. Diferente dos europeus que usam tecidos lisos e de tons pastéis.

Destacam o modo de cobrir o **ori** (cabeça) nos rituais dos cultos africanos, o modo de amarrar o ojá (pano branco), dependendo do contexto. Somente quem tem conhecimento desses rituais será capaz de identificar as ocasiões em que usam um ou outro artefato. Para os pesquisadores, o negro é lindo. É nessa perspectiva que a escola deverá desenvolver o currículo plural, cedendo lugar para as relações heterogêneas e para a suntuosidade das várias etnias presentes no espaço escolar.

Nesta atividade, o conteúdo a ser desenvolvido é a **beleza negra,** que está relacionada com os ícones corpo, cabelo, modos de vestir, os adereços inerentes à cultura africana e afro-brasileira com seus significados. É um trabalho que remete à pesquisa em variadas fontes, o próprio DVD Mojumbá que tem uma riqueza de informações sobre a questão.

As pesquisas feitas na escola campo nos revelaram a negação e o preconceito racial vivenciado por alunos e alunas negros e negras em função da cor da pele e da textura do cabelo. É cada vez mais urgente a necessidade de inserir essa temática no currículo escolar.

O negro não se veste, simplesmente. Ele se produz. Por trás de cada gesto há um ritual que o mantém ligado à ancestralidade. Quando põe sobre o corpo ouro e metais; sementes e objetos de madeira, búzios, ossos, peles ou suas imitações, mesmo inconscientemente, está se conectando com os três reinos originais: o mineral, o vegetal e o animal (BRASIL, 2010).

Saiba Mais...

Recomenda-se acesso às produções de Nilma Lino Gomes disponível em:
www.periodicos.letras.ufmg.br
http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a03
http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n23/n23a05.pdf

2 Objetivos:

- Refletir sobre os estereótipos afro-brasileiros vivenciados em função da cor da pele, textura do cabelo.
- Conhecer as influências e contribuições da cultura afrodescendentes para a cultura afro-brasileira.
- Conhecer a trajetória e o significado do cabelo para os povos africanos.
- Identificar a presença da cultura afrodescendente presente na estética negra.

- Valorizar a cultura afrodescendente presente no modo de vestir, nos penteados.
- Apontar diferenças e semelhanças da cultura africana para a cultura afro-brasileira.
- Participar de oficina de tranças e penteados afros.
- Organizar exposição de artefatos da cultura afrodescendente.

3 Conteúdos:

Arte

- Estética Negra
- Textura do cabelo
- Penteados Afros
- Indumentárias
- Colorido dos tecidos

Língua Portuguesa

- Leitura
- Registro
- Vocabulário

História

- Trajetória histórica do corpo e cabelo no continente africano

4 Sequência de Atividades

Atividade Sequenciada 1

- Organização do ambiente da sala de aula em círculo, com vistas a promover uma relação horizontal entre os pares;
- Levantamento dos conhecimentos prévios sobre como cada uma e cada um se percebe;
- Organização dos(as) alunos(as) em dupla para fazer uma atividade de desenho. A consigna, consiste em representar a aparência do(a)

colega em uma folha de cartolina, de modo que descrevam os traços um(a) do(a) outro(a);

- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 2

- Exibição do vídeo Mojubá, Episódio 2 (dois);
- Registro do sentido da Arte, beleza e do cabelo para afrodescendentes;
- Socialização com os pares do registro das informações;
- Aprofundamento dos conhecimentos sobre a beleza negra, com apoio de textos e com a colaboração do(a) professor(a) coordenador(a);
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 3

- Realização de pesquisa com o apoio da família, sobre as semelhanças e diferenças da cultura africana e afro-brasileira;
- Organização de um painel com as informações, com o apoio do(a) coordenador (a) da atividade;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

Atividade Sequenciada 4

- Conhecimento dos penteados afrodescendentes;
- Participação em oficina de tranças e penteados afrodescendentes;
- Exposição das atividades realizadas em sala;
- Sistematização do conhecimento pelo(a) professor(a) por meio de exposição dialógica.

6 Conclusão

Entender o sentido da identidade negra e da diferença entre as pessoas, para cultivar nos(as) alunos e alunas negros(as) e não negros(as) o respeito ao diferente, tem sido um desafio para a escola. É cada vez mais urgente a importância de incluir os conteúdos sobre a História e a Cultura Afro-brasileira no currículo. É óbvio que não podemos descartar o amparo legal disposto na Lei número 10.639/2003, política que emergiu do âmbito da sociedade civil organizada. Entretanto, a sua implementação enfrenta desafios. Pois, o enfrentamento ao racismo atribui-se também à efetivação do cumprimento da citada Lei. Ainda é latente o convívio com o racismo baseado no critério da aparência física, tanto na sociedade em geral quanto naquele existente no plano do aparelho do Estado, dentre os quais, a escola apontada como lócus de legitimação desse feito. Como bem ressalta Nilma Lino Gomes, discutir os ícones corpo e cabelo, temas inerentes às questões raciais, ainda é necessidade premente.

Portanto, faz-se mister repensar o papel da escola em todos os âmbitos. É importante pensar sobre o currículo, a concepção teórico metodológica, a organização do ambiente escolar, os documentos que orientam o fazer pedagógico, a formação dos profissionais da escola, a gestão geral e a gestão de sala de aula; a interlocução com a comunidade escolar, o papel do aluno enquanto sujeito e protagonista do seu saber.

Cremos que a inclusão dos conteúdos que este Caderno prioriza também exige da escola, como lócus privilegiado da construção do conhecimento, um olhar crítico do fazer político e pedagógico da sua função enquanto instituição credenciada para esse fim.

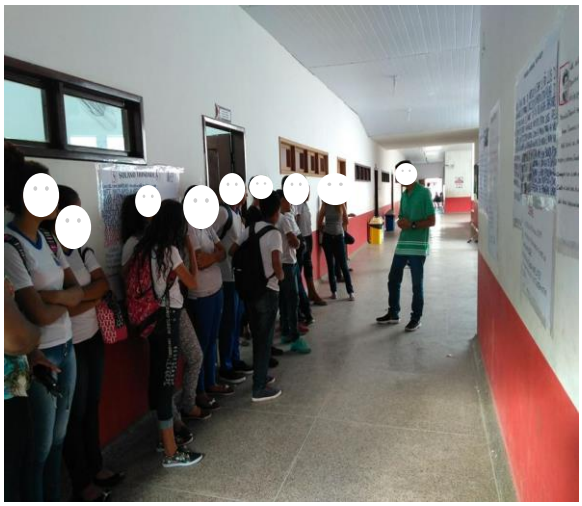
Pensar a tessitura deste Caderno, elegendo os conteúdos que compuseram cada sequência das atividades sugeridas, foi um desafio gigante, e temos convicção de que desenvolvê-las também constitui-se tarefa desafiadora, considerando que o trabalho do professor é orquestrado por diversas dimensões correlacionadas com as instâncias que elencamos neste texto conclusivo. Por outro lado, as evidências aqui apontadas acerca do experimento que vivenciamos, nos remete a crer na possibilidade de inclusão da história, memória e identidade negras dos descendentes de África.

Obviamente que as recomendações tecidas neste Caderno estendem-se para todas e todos professoras e professores, independentemente da sua disciplina. Propomos que estejamos sempre atentos (as) aos movimentos de sala de aula, que não silenciemos as denúncias de alunos e alunas. Portanto, é fundamental: valorizar as informações que fazem parte da cultura de cada grupo, dispondo-se a acolher os depoimentos pessoais, substanciando-se no acervo da memória de sala de aula e fazendo uso da linguagem; discutir com profundidade temas complexos, principalmente os que estigmatizam os(as) alunos(as), como a discriminação racial, incentivando a desconstrução de pensamentos cristalizados na visão colonial; formar alunos e alunas para enfrentar as adversidades da vida dentro e fora da escola, para que estejam munidos de argumentos contra atitudes racistas (SOUZA, 2000).

Para além de pensar na possibilidade, é salutar fixar na necessidade humana do respeito, da inclusão, uma vez que os estigmas se arrastam na vida de alunos(as) negros(as), que crescem com o sentimento de inferiorização simplesmente pelo fato de que a escola invisibilizou, excluiu, ou desenvolveu de forma equivocada a história e memória ancestral dos povos africanos. De acordo com o pensamento de Freire,

> [...] Qualquer discriminação é imoral e lutar contra ela é um dever por mais que se reconheça a força dos condicionamentos a enfrentar. A boniteza de ser gente se acha, entre outras coisas, nessa possibilidade e nesse dever de brigar. (FREIRE, 2011, p. 59)

Nesse ensejo, desejamos que este **Caderno subsidie a sua prática pedagógica, professor e professora, que promova** reflexão, desvele espaços favoráveis à formação crítica, humana e respeitosa de alunos e alunas negros(as) e não negros(as), oportunizando a construção de uma sociedade que eleja o respeito e o convívio com a diferença em todos os âmbitos. Que o espaço e o tempo da escola sejam utilizados numa perspectiva de construção do conhecimento, considerando o mundo pluriétnico que povoa o ambiente escolar.



Assim, despedimo-nos com a imagem de uma aula que ficou registrada na nossa memória das inovações que provocamos e que experimentamos com alunos(as) e professores(a) da UEB Darcy Ribeiro. Trata-se da exposição de cartazes sobre a série Heróis de Todo mundo, em que alunos(as), professor(as) e funcionários(as) participaram desse diálogo no pátio da escola.

Referências

BARBOSA, R. A. Memória das palavras. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Memória das palavras**. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

BRANDÃO, A. P. (Coord.). **Modos de fazer**: caderno de atividades, saberes e fazeres. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2010.

BRANDÃO, A. P. (Coord.). **Saberes e fazeres, v.3**: modos de interagir. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006a.

BRANDÃO, A. P. (Coord.). **Heróis de todo mundo (A cor da cultura).** Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006b.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília, 2004. Disponível em:< http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>. Acessado em: 6 mai. 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: MEC/SECAD, 2006.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GITAHY, C. **O que é grafite**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

GOMES, N. L. Educação e Identidade Negra. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, [S.l.], v. 9, p. 38-47, dez. 2002. ISSN 2317-2096. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1296>. Acesso em: 07 fev. 2018.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?. ***Rev. Bras. Educ.*** [online]. 2002, n.21, pp.40-51. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000300004&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 12 fev. 2018.

LAPASSADE, G. **As Microssociologias**. Brasília: Líber Livro, *2005.*

LIMA, M. Como tantãs na floresta: reflexões sobre o ensino de História da África e dos Africanos no Brasil. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Saberes e fazeres**, v.1: modos de ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

MARTINS, R.; TOURINHO, I. Entre contingências e experiências vividas... Propostas para pensar um ensino crítico em artes visuais. **Visualidades: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual**. Goiânia: UFG, v. 3, n. 1, pp. 86-111, 2005.

MOREIS, C. S. de. Grafite: da arte de rua ao diálogo entre saberes. In: **XI Encontro Nacional da Anpege**. A diversidade da geografia brasileira: escalas e dimensões da análise e da ação. Presidente Prudente, São Paulo, 2015. Disponível em:< http://www.enanpege.ggf.br/2015/anais/a mar. 2018.rquivos/17/493.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2018.

MUNANGA, K. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MUNANGA, K.; GOMES, N. L. **O Negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006. p: 75-90.

ROMÃO, J. E. **Dialética das diferenças**: o projeto da escola cidadã frente ao projeto político-pedagógico neoliberal. São Paulo: Cortez, 2000.

SANTOS, C. de J. P. dos. **20 de novembro, d**ia nacional da consciência negra: Zumbi somos nós. Disponível em: <http://www.redem.org/boletin/files/20%20de%20novembro%20Projeto%20Definitivo%20II-Clenia3110.doc.>. Acesso em: 15 jan. 2018.

SANTOS, I. A. dos. A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos. In: CAVALLEIRO, E. (Org.). **Racismo e antiracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SILVA, A. C. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. revisada. Brasília: DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, P. B. G. Aprendizagem e Ensino das Africanidades Brasileiras. In: MUNANGA, K. (org.). **Superando o Racismo na Escola**. 2 ed. revisada. Brasília: DF. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, P. B. G. Africanidades brasileiras: esclarecendo significados e definindo procedimentos metodológicos. In: **Revista do Professor**, 9 (73), p.26-30, jan./mar. 2003.

SILVA, R. C. da; IAPECHINO, M. N. K.; GOMES, V. S. **O grafite em uma perspectiva didática nos contextos educacionais do grande Recife**. Disponível em:< http://www.eventosufrpe.com.br/jepex2009/cd/resumos/R0047-1.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2018.

SOUZA, A. L. S. Negritude, letramento e uso social da oralidade. In: CAVALEIRO, E. (org.). **Racismo e antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.

VAZ, T. Pichação + arte + educação: outros olhares. **Revista Digital do LAV**, [S.l.], n. 10, p. 085-097, mar. 2013. ISSN 1983-7348. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/7079>. Acesso em: 07 fev. 2018.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 2007.

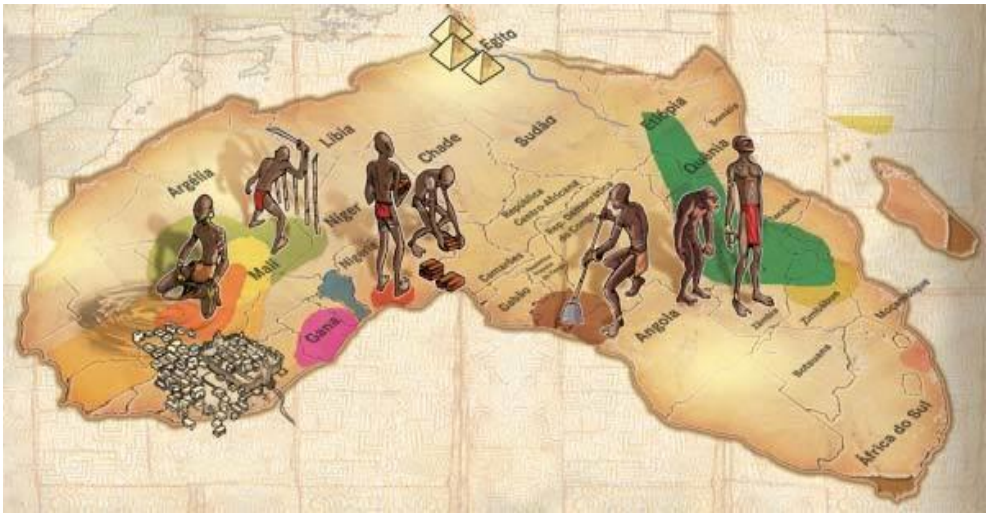
Anexos

Anexo A:

África de todos nós[13]

Desde 2003, a cultura africana faz parte do currículo. Descubra com seus alunos a riqueza das ciências, das tecnologias e da história dos povos desse continente.

Por: Paola Gentile



Os diversos povos que habitavam o continente africano, muito antes da colonização feita pelos europeus, eram bambambãs em várias áreas: eles dominavam técnicas de agricultura, mineração, ourivesaria e metalurgia; usavam sistemas matemáticos elaboradíssimos para não bagunçar a contabilidade do comércio de mercadorias; e tinham conhecimentos de astronomia e de medicina que serviram de base para a ciência moderna. A biblioteca de Tumbuctu, em Mali, reunia mais de 20

[13] Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/2393/africa-de-todos-nos>. Acessado em 13 set 2017.

mil livros, que ainda hoje deixariam encabulados muitos pesquisadores de beca que se dedicam aos estudos da cultura negra.

Infelizmente, a imagem que se tem da África e de seus descendentes não é relacionada com produção intelectual nem com tecnologia. Ela descamba para moleques famintos e famílias miseráveis, povos doentes e em guerra ou paisagens de safáris e mulheres de cangas coloridas. “Essas idéias distorcidas desqualificam a cultura negra e acentuam o preconceito, do qual 45% de nossa população é vítima”, afirma Glória Moura, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade de Brasília (UnB).

Negros são parte da nossa identidade

O pouco caso com a cultura africana se reflete na sala de aula. O segundo maior continente do planeta aparece em livros didáticos somente quando o tema é escravidão, deixando capenga a noção de diversidade de nosso povo e minimizando a importância dos afro-descendentes. Por isso, em 2003, entrou em vigor a Lei no 10.639, que tenta corrigir essa dívida, incluindo o ensino de história e cultura africanas e afro-brasileiras nas escolas. “Uma norma não muda a realidade de imediato, mas pode ser um impulso para introduzir em sala de aula um conteúdo rico em conhecimento e em valores”, diz Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, membro do Conselho Nacional da Educação e redatora do parecer que acrescentou o tema à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

A cultura africana oferece elementos relacionados a todas as áreas do conhecimento. Para Iolanda de Oliveira, professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, se a escola não inclui esses conteúdos no planejamento, cada professor pode colocar um pouco de África em seu plano de ensino: “Não podemos esperar mais para virar essa página na nossa história”, enfatiza. Antes de saber como usar elementos da cultura africana em cada disciplina, vamos analisar alguns

aspectos da história do continente e os motivos que levaram essas culturas a serem excluídas da sala de aula.

O ensino de História sempre privilegiou as civilizações que viveram em torno do Mar Mediterrâneo. O Egito estava entre elas, mas raramente é relacionado à África, tanto que, junto com outros países do norte do continente, pertence à chamada África Branca, termo que despreza os povos negros que ali viveram antes das invasões dos persas, gregos e romanos.

A pequisadora Cileine de Lourenço, professora da Bryant University, de Rhoad Island, nos Estados Unidos, atribui ao pensamento dos colonizadores boa parte da origem do preconceito: "Eles precisavam justificar o tráfico das pessoas e a escravidão nas colônias e para isso ‘animalizaram’ os negros". Ela conta que, no século 16, alguns zoológicos europeus exibiam negros e indígenas em jaulas, colocando na mesma baia indivíduos de grupos inimigos, para que brigassem diante do público. Além disso, a Igreja na época considerava civilizado somente quem era cristão.

Uma das balelas sobre a escravidão é a idéia de que o processo teria sido fácil pela condição de escravos em que muitos africanos viviam em seus reinos. Essa é uma invenção que não passa de bode expiatório: a servidão lá acontecia após conquistas internas ou por dívidas - como em outras civilizações. Mas as pessoas não eram afastadas de sua terra ou da família nem perdiam a identidade.

Muitas vezes os escravos passavam a fazer parte da família do senhor ou retomavam a liberdade quando a obrigação era quitada com trabalho. Outra mentira é que seriam povos acomodados: os negros escravizados que para cá vieram revoltaram-se contra a chibata, não aceitavam as regras do trabalho nas plantações, fugiam e organizavam quilombos.

A exploração atrapalhou o desenvolvimento

A dominação dos negros pelos europeus se deu basicamente porque a pólvora não era conhecida por aquelas bandas - e porque os africanos recebiam bem os estrangeiros, tanto que eles nem precisavam armar tocaias: as famílias africanas costumavam ter em casa um quarto para receber os viajantes e com isso muitas vezes davam abrigo ao inimigo. Durante mais de 300 anos foram acaçambados cerca de 100 milhões de mulheres e homens jovens, retirando do continente boa parte da força de trabalho e rompendo com séculos de cultura e de civilização.

Nesta reportagem, deixamos de lado de propósito a capoeira, embalada pelo berimbau; a culinária, enriquecida com o vatapá, o caruru e outros quitutes; as influências musicais do batuque e a ginga do samba e dos instrumentos como cuícas, atabaques e agogôs. Preferimos mostrar conteúdos ligados às ciências sociais e naturais, à Matemática, à Língua Portuguesa e Estrangeira e a Artes, menos comuns em sala de aula, para você rechear a mochila de conhecimentos dos alunos sobre a África.